

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ
ESCOLA NACIONAL DE SAÚDE PÚBLICA
MESTRADO EM SAÚDE PÚBLICA
SUB-ÁREA: SAÚDE E SOCIEDADE

Dissertação de Mestrado

As Virtudes do Pecado: Narrativas de Mulheres a “Fazer a Vida” no Centro da Cidade

Aluna: Silvia Barbosa de Carvalho

Orientador: Jorge de Campos Valadares

Rio de Janeiro, 2000

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ
ESCOLA NACIONAL DE SAÚDE PÚBLICA
MESTRADO EM SAÚDE PÚBLICA
SUB-ÁREA: SAÚDE E SOCIEDADE

Dissertação de Mestrado

As Virtudes do Pecado: Narrativas de Mulheres a “Fazer a Vida” no Centro da Cidade

Dissertação apresentada à Escola Nacional de Saúde Pública como requisito obrigatório para a obtenção do grau de Mestre em Saúde Pública.

Aluna: Silvia Barbosa de Carvalho

Orientador: Jorge de Campos Valadares

Rio de Janeiro, 2000

Para Ivanilda e as mulheres do Grupo Fio da Alma, por que inventam a vida com alegria.

À memória de minha avó, D. Maria de Óculos. Maria que sabia da importância de ver e saber para onde ir.

História Natural

Cobras cegas são notívagas.

O orangotango é profundamente solitário.

Macacos também preferem o isolamento.

Certas árvores só frutificam de vinte e cinco em vinte e cinco anos.

Andorinhas copulam no vôo.

O mundo não é o que pensamos.

Carlos Drummond de Andrade in: O corpo

AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador, Jorge Valadares, mestre das delicadezas e da simplicidade, atento às letras, aos afetos e à arte do riso.

Aos meus pais, Gina e Miguel, que cultivaram a alegria e respeitaram os meus desalinhos. Meus irmãos Silvio e Silvana. Primeiros ensaios de convívio, minhas melhores referências: lar, pão e café com leite no final da tarde, música, carinho e união. E ao Mário, novo membro da família.

Para os meus amigos Sandra, Nilo, Nogueira e Isidoro com quem eu aprendi e compartilhei as alegrias e as angústias deste processo turbulento que é o mestrado na vida.

Aos meus companheiros do “grupo das quartas-feiras”: Cláudia, Felipe, Chico, Marta, Cristina, Gilson e Wilson, pelos momentos preciosos de diálogo sobre a arte e a arte de viver.

Drica, Rose, Marly, amigas nas horas de sonho, trabalho, dores, amores...e muita festa.

Antônio, Ciça, Ângelo, Marcelo, Leana, Marcelo Bessa, Marcinha, Nani, Carlos, Rita, Anderson, Lucília, Rogério, Paulo, Adélia, Selma, Cris, Simone, Patrícia, Elane, Fatinha, Jane, Ceny...amigos de longa data e amigos novos...prazer em desfrutar a vida.

A CAPES pelo financiamento para a realização deste trabalho.

Aos professores do Curso de Especialização em Saúde Pública, meu primeiro encontro com a ENSP. E para Aline, Márcia, Anette, Patrícia e Carlos que dividiram comigo aqueles e muitos outros momentos.

Aos funcionários da Secretaria Acadêmica pela atenção com que sempre me trataram.

Para Vilma que me fazia rir às três da manhã quando era preciso acordar às seis. E ao Arne, que encanta com sua alegria de viver.

Ao Messias, “meu anjo salvador” na reta final.

A Ricardo Aquino, amigo poeta, pela sugestão do título.

Às mulheres da Praça Tiradentes que dividiram comigo suas histórias.

Para Eires Mello, Claudio Paolino, Lia Farrel: fotos, revelações, palco... vida de artista.

Aos professores do mestrado pela dedicação e pela atenção em todas as disciplinas.

A Jeni Vaistman e Marcos Moreira pela ajuda cuidadosa na qualificação do projeto.

A toda a equipe do PIM, e a Célia Szterenfeld pela acolhida carinhosa.

Às minhas crianças prediletas: Rafael, Thaís, Pedro, Saulo, Luana, Amanda, Roberta, Higor, Renan, Rebeca, Nando, Guilherme e Ricardo, com sua boca banguela. Desejos renovados de um mundo melhor.

Com Amor,

Silvia

RESUMO

O presente trabalho propõe um diálogo com as profissionais do sexo da Praça Tiradentes, área central da cidade do Rio de Janeiro. Foram realizadas cinco entrevistas com as mulheres, com o objetivo de abordar seus pontos de vista sobre a vida e o viver, e de estabelecer relações, diálogos entre espaço e sujeito.

Baseada nos ensinamentos da psicanálise, e nas diferentes abordagens do universo da prostituição, esta pesquisa busca proporcionar uma outra visão sobre a dimensão individual da prostituição, segundo a qual a pessoa pode escolher seu modo de viver, é um sujeito, tem desejos e está incluída em um contexto histórico e social. Assim, as causas econômicas não seriam as únicas explicações para o trabalho sexual.

Através da construção de fontes orais, este estudo realiza uma leitura das narrativas que apontam para a diversidade dos sujeitos, no intuito de abrir um caminho que leve à valorização do sujeito no âmbito da Saúde Coletiva.

Palavras-Chaves: Prostituição feminina, Sujeito, Espaço.

ABSTRACT

The present work proposes a dialogue with female sexual workers of *Praça Tiradentes*, central area of *Rio de Janeiro*. Five interviews were accomplished with these women, with the objective of approaching their points of view about life and living, and of establishing a dialogue among space and subject.

Based on the psychoanalysis learnings and on the different approaches to the universe of the prostitution, this research endeavours to provide another vision about the individual dimension of the prostitution, a vision in which the person can choose a way of life, is a subject, has desires and is included in a historical and social context. The economics causes are not the only reason for the sexual work.

Through the construction of oral sources, the study accomplishes a reading of narratives that show the diversity of subjects that compose the population, in order to open a road to the valorization of the subject in the field of Collective Health.

Keys Words: Female Prostitution, Subject, Space

SUMÁRIO

Dedicatória
Agradecimentos
Resumo
Sumário

Introdução	11
1. Mulheres na Vida: Lembranças e Histórias	15
<i>1.1 As Prostitutas Sagradas</i>	17
<i>1.2 As Prostitutas na Bíblia</i>	18
<i>1.3 As Prostitutas na Grécia Antiga</i>	20
2. As Mulheres da Vida: Algumas Teorias	23
<i>2.1 As Mulheres na Vida: Um Olhar sobre a Atualidade</i>	25
3. Percurso Metodológico	29
<i>3.1 A Entrada no Campo</i>	31
<i>3.2 A Praça Tiradentes</i>	32
<i>3.3 As Mulheres da Praça</i>	34
4. Gente Como A Gente: Narrativas	35
<i>Iracema</i>	36
<i>Luíza</i>	38
<i>Bárbara</i>	42
<i>Lígia</i>	46
<i>Carolina</i>	51
5. Sobre a Vida e o Viver: Sujeito, Espaço e Afetos	54
<i>5.1 Prostituição e Espaço Urbano</i>	57
Considerações Finais	62
Referências Bibliográficas	67
Anexos	90

INTRODUÇÃO

Existe um ponto de contato entre a madurez do fruto e a rigidez do verso ansioso por traduzir-lhe o sabor? De quem falamos ao “darmos voz à população”? Falamos do que ouvimos ou daquilo que pensamos ouvir, com ouvidos moucos, ávidos por verdades definitivas e definidoras de nossas rotas? A pergunta ao final da tentativa de resposta estará sempre em suspense sobre a veracidade dos caminhos seguidos, pois os sabemos mutantes; apenas uns entre tantos caminhos possíveis que se apresentaram no transcorrer de nossas dúvidas.

Minhas inquietações como Psicóloga foram marcadas pelas discussões de um projeto de atendimento em ambulatórios de serviço público, no início de minha carreira, em 1992. A idéia de “um atendimento pobre para pobres” sempre me incomodou. Embora esta lógica não estivesse explícita, dava-me a impressão de que apenas um determinado tipo de pessoa possuía angústias existenciais, tormentos, afetos, desejos, enquanto, aos outros, aos pobres, cabia-nos apenas contribuir para diminuir-lhes o fardo de uma vida ingrata e sem cor.

Esta dicotomia em nenhum momento se evidenciou em minha experiência clínica, que me mostrou uma pluralidade do humano para além das contingências econômicas. Muitas vezes, a expressão de um sofrimento só é possível ao sujeito pela mortificação do corpo; e este corpo não é prisioneiro de uma ideologia, mas condição de existência do homem. O que eu via eram homens e mulheres buscando formas de serem felizes, a construírem histórias que lhes fizessem algum bem, lhes trouxessem alívio às amarguras, lhes desse sabor aos dias. E essas pessoas me mostravam que “população estudada” ou “população atendida” estava para além do que poderíamos descrever em palavras.

Em meio a estas reflexões acerca do existir humano, associadas à minha participação como entrevistadora em uma pesquisa sobre: “Conhecimentos, Atitudes e Comportamento sobre Saúde Preventiva entre Profissionais do Sexo” - realizada pelo Programa Integrado de Marginalidade (PIM), em abril de 1997 - nasceu em mim o interesse de estudar a prostituição feminina no contexto da cidade do Rio de Janeiro.

No desenrolar das entrevistas chamou minha atenção o fato de que, invariavelmente, as mulheres

justificavam a prostituição como repostas a necessidades financeiras ou de ordem familiar. Muitas ressaltavam a dificuldade de se sustentarem com empregos que rendiam muito menos que o “fazer vida”, além de consumirem um tempo muito maior, em empregos de faxineira, lavadeira, passadeira ou cozinheira, por exemplo.

Estes discursos contrastavam com a minha experiência. Estas explicações econômicas sociais estavam em desacordo com a minha crença de que ser mulher da vida seria estar na vida e não uma contraposição entre aquelas mulheres que negociam favores sexuais em troca de dinheiro e as outras, ditas “mulheres direitas”.

A denominação “mulher da vida” dava-me a impressão de haver mulheres que estavam mais na vida do que outras. Para mim, não parecia demérito estar na vida; a perspectiva de um estar “fora da vida” parecia-me bem mais assustadora, como um não existir, um não estar que impediria o fluir da vida e a invenção do mundo. Neste sentido, fazer vida é uma ciência, uma arte; a ousadia de criar, de se espantar, de produzir, de afetar e ser afetado pelas coisas do mundo e assim, de se permitir criar o mundo em meio às turbulências do cotidiano.

O convívio com as mulheres do Grupo Fio da Alma, desde meados de 1999, no Município de Caxias, Baixada Fluminense, deu-me a certeza de que sofrimento e alegria não se restringem ao terreno econômico. Este grupo surgiu em 1998, com o objetivo de tratar de questões fundamentais como auto-estima, cidadania, prevenção e saúde, principalmente junto a profissionais do sexo. Através do programa Saúde na Prostituição, o grupo permite o diálogo de diferentes atores sociais e oferece um caminho para a organização do movimento entre profissionais do sexo.

Composto por profissionais do sexo que atuam como agentes de saúde em diversas áreas do Rio e Grande Rio, este grupo de mulheres mostra, com suas experiências, que os sentimentos fazem parte de um projeto mais amplo do viver, um projeto que não se encaixa nem na economia nem na ciência, mas é a marca do humano em nós. Marca a se inscrever na carne, nas letras, nos gestos, marca a nos falar, nos surpreender, nos inventar.

Foi através das mulheres do Grupo Fio da Alma que tive acesso às mulheres da Praça Tiradentes. Este convívio mostrou-me que, seja na Praça do Pacificador em Caxias, seja na Praça Tiradentes, no centro do Rio, pessoas buscam formas de construir uma vida possível e feliz. Cada qual a sua maneira, com seus recursos, com suas técnicas, mas sempre munidas de uma necessidade de fazer vida, de construir os seus destinos, de inventar e ser inventada.

Estas foram algumas das reflexões que nortearam este trabalho e que falam também da minha

forma de ver a vida. Visão atravessada por questionamentos acerca do universo da Clínica, da Cultura, da Subjetividade e da Saúde Coletiva. O entrecruzamento desses mundos possibilitou a construção de saberes calcados na capacidade de movimento do sujeito para além do momento político e econômico, e me mostrou a capacidade humana de romper com a norma e de se apropriar do espaço e da construção de um lugar.

O lugar de onde eu falo é também construído neste percurso; lugar de Mulher, Poeta, Psicóloga, Especialista em Saúde Pública, Mestranda, sempre com o olhar voltado para os sujeitos a constituírem as populações, a lhes darem força, cor e movimento. Percurso que é margem para minhas divagações e instrumento que me permite ser e estar, fazer e dizer, que me permite, enfim, construir uma história para os meus desalinhos.

Acredito que a forma de viver permite aos sujeitos a descoberta do mundo e a invenção de uma história onde os caminhos não são traçados unicamente pelo econômico e social, acredito ser o sujeito autor de seu próprio texto, cuja intensidade é o eco de desejos e presenças.

Este trabalho teve como proposta falar da vida e do viver, de histórias que se escondem atrás dos esteriótipos, dos rótulos atribuídos, às prostitutas, com o objetivo de cristalizar posturas, comportamentos, pensamentos, atitudes. Esse aprisionamento não é privilégio somente das mulheres, mas faz parte do modo como nossa sociedade se situa frente ao diferente, ao que foge do seu controle. Falar das mulheres na vida é uma tentativa de apontar para a diversidade do humano, para a inquietude, o desassossego que a vida provoca e que é a única possibilidade de invenção de um lugar para o sujeito, pois esse desassossego fala da nossa diferença fundamental.

No primeiro capítulo apresento um panorama da literatura sobre prostituição feminina, indico tendências históricas e culturais, com suas diferentes nuances e posicionamentos, desde a prostituição como atividade sagrada, até a visão da Bíblia e um panorama da atividade na Grécia antiga.

O segundo capítulo traz uma discussão mais ampliada sobre a luta pelos direitos de trabalho, saúde e informação que marca a trajetória destas mulheres.

No terceiro capítulo apresento o método, o campo de pesquisa e as entrevistadas, falo das dificuldades e peculiaridades desse primeiro contato e do processo de realização das entrevistas.

O quarto capítulo é dedicado ao encontro com as mulheres da Praça Tiradentes através das entrevistas e permite uma leitura articulada ao meu referencial teórico, que aparece no capítulo seguinte.

O quinto capítulo é composto pelas teorias referentes a sujeito, espaço e afetos a articularem vida e as técnicas de viver às histórias dos sujeitos. As referências ao termo sujeito, no texto, dizem respeito ao sujeito da psicanálise.

Nas considerações finais faço uma reflexão sobre o material encontrado, revejo a importância do tema para a saúde pública e indico possíveis desdobramentos deste estudo, em um futuro próximo.

As estranhezas que a academia não aplacou, já que a vida é de uma alteridade radical, cuidei de conduzi-las pelo terreno da poesia. *Arteciência*, este é o lugar de onde falo, que me explica, orienta e desgoverna mas o único caminho possível para responder minhas perguntas, apaziguar minhas dores e fazer da minha ciência uma ciência em vida e na vida.

Vivemos entre a virtude e o pecado, a cultura e o desejo, o prescrito e o proscrito. “*A Virtude do Pecado*” é encontrar um caminho que permita ao sujeito viver de forma intensa, errando, acertando, mas acima de tudo, tentando. Entendo “pecado” para além dos códigos religiosos, como a disposição pessoal do sujeito de transgredir as normas, de tocar e ser tocado pela vida, de ter crença na capacidade criadora de nossa sabedoria cotidiana. Sabedoria que não garante definições estáveis, mas provoca, instiga, serve de terreno para outras descobertas, outras dúvidas, outras perguntas.

Perguntas de aprendiz da arte de viver. Perguntas cujas respostas levam a outras tantas perguntas. Caminhos incertos... certezas difusas... vontade de caminhos...desejo de convívio.

1. MULHERES NA VIDA: LEMBRANÇAS E HISTÓRIAS

Minhas primeiras lembranças sobre o que seria, ou poderia ser, uma “mulher da vida”, datam de meus dez anos, mais ou menos. Se a memória falha na definição do período, é fértil no registro dos fatos. Voltávamos, eu e minha família, da casa de parentes em Nova Iguaçu, município do Rio de Janeiro. Era noite e para chegarmos ao ponto de ônibus tínhamos que passar próximo à linha do trem, uma parte escura e pouco movimentada da cidade, àquela hora.

Em um determinado ponto próximo à linha férrea, um casal discutia violentamente. Ele apontava o dedo para o rosto da mulher, gritava, xingava, dizia impropérios, ameaçava agredí-la. Ela, de saia curta e cabelos revoltos, quase espremida contra o muro, reagia, gritava ainda mais alto, reclamava, empurrava, ordenava que o homem sumisse da sua vida. Pelos lamentos da mulher, a situação não estava nem um pouco confortável para ela. E eu me senti muito incomodada com o silêncio que se estabeleceu em nosso grupo.

Não conseguia entender os motivos, mas o mal estar era latente. Tentei manter a conversa, fingir que nada acontecia mas alguém me ordenou que ficasse quieta. Uma prima perguntou se não íamos ajudar a moça e também recebeu um “cale a boca” lacônico. Todos os adultos estavam contrariados, não sabíamos com o que, mas, algo bem grave. Depois que passamos pelo casal, os adultos comentaram, entre si, que aquela era uma “mulher de vida fácil”, “coitada e perdida”, “que aquilo era “muito errado”, que “quem entra nesta vida não tem mais jeito”, que era preciso “tomar cuidado” - homens e mulheres - com “esse tipo de mulher” por que “era perigoso para a saúde” ou porque ela possuía “modos de ser muito feios para uma moça”.

A impressão mais forte deste momento foi a do silêncio. Silêncio que me revelou, de forma assustadora, a existência de um tipo de mulher diferente, essas tais da “vida fácil” que não mereciam cuidados ou carinhos. Na minha memória infantil ficou o registro, resgatado quando da pesquisa no PIM. Resgatei as lembranças daquele episódio, onde me mostraram, sem palavras, um tipo de mulher da qual não era permitido falar, se aproximar, um tipo apavorante e perigoso de mulher, com a qual seria prudente não guardar nenhuma semelhança, sob pena de ameaças, desrespeito, doença e dor.

As “explicações” nebulosas valeram mais do que uma enciclopédia inteira sobre o assunto. A partir daquele momento, soube que o mundo estava, definitiva e invariavelmente, dividido entre o mundo das “boas moças” e das “moças más”, das “moças de família” e das “outras”. E pobre daquela que, ao invés de “andar na linha”, andasse ao longo dos muros da linha férrea.

Hoje sei que esta dicotomia não era característica das limitações e preconceitos de minha família, mas constituía um universo muito maior. Essas divisões são ampliadas para campos diversos do comportamento feminino, e delimitam o certo e o errado e o que as mulheres devem ou não devem fazer. É verdade que nesse jogo é muito mais explícito o “não” do que o “sim”. E permanecem a nebulosidade em torno das sexualidades ilícitas em oposição às sexualidades consideradas lícitas, e o controle dos comportamentos, através de ameaças de exclusão. Quanto menos precisas as regras, maior o efeito sobre o imaginário.

*“Estou no começo do meu desespero
E só vejo duas saídas:
Ou viro Doida ou viro Santa.
Como abrir a janela senão for Doida?
Como fechá-la senão for Santa?”*

Dona Doida - Adélia Prado

Os versos de Adélia Prado mostram, com lirismo, a situação. A condição do feminino é atravessada por uma escolha de caminho que não permite oscilações entre um lado e outro. Embora o limiar seja tênue, as escolhas devem ser radicais e definitivas. A poeta mostra-nos que a decisão da mulher implicará uma alteração nos espaços, interno e externo. Entre o abrir ou fechar a janela, ocorrem várias outras escolhas e suas respectivas consequências deixam marcas que dispensam qualquer palavra.

É no plano das identificações que essas separações se processam, com o objetivo de controle social. Não é muito claro o que venha a ser uma “mulher direita”, dentro dos limites da intimidade e das representações de cada um, e quais as normas de conduta que se deve seguir (Castro, 1993; Rago, 1996; Gaspar, 1986; Costa, 1996). Os papéis sociais, porém, são construídos de forma que no espaço “de dentro” (dentro da prostituição e fora do lar), a mulher deve comportar-se de forma mais ousada e independente do que as “mulheres direitas”, deve ter uma performance menos passiva que estas últimas, tanto por circularem em um espaço culturalmente atribuído ao homem (a rua) como por tomarem a iniciativa de conquistar e seduzir seus possíveis clientes. Além de permitirem – se claramente negociados, de antemão – jogos e práticas sexuais que as “mulheres de casa” normalmente não permitiriam.

Contudo, fora da “batalha”¹ essas mulheres desempenham papéis semelhantes aos que desprezam quando estão a trabalhar, e mantêm valores morais rígidos em relação a filhos e família. Assim, sustentam o mesmo discurso da normalidade que em outros momentos rejeitam

As primeiras alusões a divisões entre prostitutas e “mulheres direitas” datam de 2000 AC na Suméria (Roberts, 1998:27), com as primeiras leis a definirem como deveria portar-se um homem diante de sua esposa e na frente de uma prostituta. Essas leis, além de regulamentarem os acordos firmados entre homens e mulheres, definiam diretrizes e condutas em caso da existência de filhos com uma meretriz, bem como orientavam os jovens sobre qual tipo de mulher desposar.

Embora essas primeiras palavras estejam tão distantes de nossos dias, podemos imaginá-las sendo proferidas por muitos de nós em nosso meio, em diversas situações diferentes. Com isso podemos pensar se o que vemos, na atualidade como preconceito e discriminação, não é fruto dessas raízes históricas, tão anteriores a nós, e que ainda servem de orientação tanto de nossos olhares sobre o outro quanto sobre nós mesmos, ainda delimitam o tênue limiar que diferencia “alguém que é direito” de “alguém que se perdeu”.

1.1 As Prostitutas Sagradas

A prostituição remonta a tempos antigos. E assumiu as mais variadas simbologias e definições, inclusive a de condição sagrada. Entre as sociedades pré-históricas não havia distinção entre cultura, religião e sexualidade, tudo tinha origem no culto à deusa. O sexo era considerado sagrado e vários rituais revelavam ser a atividade sexual uma forma de prestar reverência à deusa e a suas sacerdotisas (Roberts, 1998).

Na antiga Babilônia, era comum os cultos a deusas da fertilidade envolverem rituais sexuais (Juízes 2:3; 37-39; Deuteronômio 20:18). Entre os babilônios, a prática sexual era uma forma de arrecadar oferendas para a deusa protetora das colheitas.

Heródoto (apud Kirsch, 1998; Roberts, 1998; Wolf, 1998; Sem Autor, sd) relatou, em suas viagens pela Babilônia, ser costume as mulheres dessa sociedade irem para os templos e lá se oferecerem aos estrangeiros, em troca de algumas moedas e de oferendas para a deusa.

Esta prática, longe de ser repudiada, tinha alto valor. Mulheres de todas as classes sociais, solteiras ou casadas, procuravam os templos, ou eram levadas por seus pais, ou maridos. E de lá só poderiam sair quando alguém se interessasse por elas e lhes jogasse algumas moedas, em troca de seus favores sexuais.

Kirsch (1998), alega que na história de Tamar (Gênesis 38) existem indícios de pelo menos dois

¹ N. A.: O termo “batalha” é usado pelas mulheres como sinônimo de trabalho na prostituição.

tipos de prostituição: a prostituição comum (*zonah*) e a prostituição do templo ou de culto (*qedeshah*). Esta última, seria uma santificada, de uma “mulher consagrada(...) que literalmente se colocava à disposição de todos os frequentadores de um local de adoração...”

Segundo Roberts (1998), já na Babilônia existiam diferentes classificações para as prostitutas segundo, funções e especialidades. As *entu* e as *naditu*, sacerdotisas de mais alta posição, as *qadishu* ou mulheres sagradas, as *ishtaritu* que dedicavam a vida ao culto da deusa Ishtar e as *harimtu*, conhecidas como prostitutas semi-seculares, talvez por se dedicarem a prostituição dentro e fora dos templos.

“As harimtu que trabalhavam fora dos templos foram as primeiras prostitutas de rua, operando independentemente e em uma base comercial; mesmo assim, a conexão entre sexo e religião persistia, pois as prostitutas de rua continuavam a ser consideradas mulheres sagradas, protegidas de Ishtar, e seus proventos vinham sob a forma de oferendas em nome da deusa.”(Roberts, 1998)

Entre os Hebreus tiveram início as perseguições às meretrizes (Wolf, 1998) e a comparação de qualquer manifestação de sexualidade feminina, fora do casamento, com promiscuidade e devassidão. Os hábitos de adoração dos cananeus são severamente punidos entre os israelitas:

“Essas ‘abominações’ incluíam não só a feitura de ídolos (e o ardor orgiástico com o qual se adoravam esses ídolos), mas também o tentador (e portanto, severamente proibido) rito de coito com prostitutas sagradas como parte da adoração de certas deusas”. (Kirsch, 1998)

1.2 As Prostitutas na Bíblia

Na Bíblia Sagrada, o termo prostituição é usado de forma ampla e irrestrita. E inclui prostitutas comuns, prostitutas sagradas, adúlteras e todas as mulheres que praticavam sexo antes do casamento, ou estavam sob suspeita, em virtude de seus atos (Números 5:14-15).

Para alguns autores (Wolf, 1998; Kisch, 1998 e Roberts, 1998), essa indefinição do termo pode ser tanto de ordem política - pois, assim, se impunha um controle extensivo ao comportamento das mulheres - quanto uma dificuldade dos tradutores bíblicos em dissociar qualquer contato com a deusa ou culto à deusa de algum tipo de prática sexual.

Há referências a castigos a mulheres sob suspeita de não serem mais virgens, bem como àquelas que traíram o leito de seus maridos. Mesmo que as injúrias não fossem verdadeiras, “...esta será conduzida ao limiar da casa paterna, e os habitantes de sua cidade a apedrejarão até que morra, porque cometeu

infamia em Israel, prostituindo-se na casa de seu pai. Assim, tirarás o mal do meio de ti” (Deuteronômio 22:21). As mulheres viam-se acusadas, julgadas e sobre elas recaíam, também, diversas maldições, imputadas pelos sacerdotes: “E estas águas, que trazem maldição, penetrem em tuas entranhas para te fazer inchar o ventre e emagrecer os flancos!” (Números 5:20-22).

Outras passagens fazem alusão ao aviltamento de donzelas como estopim para guerras religiosas e políticas, que envolviam, muito mais do que a honra das famílias, interesses maiores para o patriarcado (Kirsch, 1998). É o caso do massacre provocado pela suposta violação de Diná, filha de Jacó (Gênesis 34). Mesmo disposto a desposar a filha de Jacó, o jovem Siquém desperta a ira dos irmãos da moça, que matam todos os homens de sua aldeia, apossam-se dos seus rebanhos e tomam como escravas suas mulheres e crianças. Ao serem questionados por seu pai, os irmãos de Diná respondem: *“Porventura, devíamos deixar tratar nossa irmã como uma prostituta?”* (Gênesis 34:31).

Uma questão importante diz respeito não à violação, mas à ousadia de Diná. Desafiando as leis da casa paterna, Diná saía para fazer passeios pela região (Gênesis 34:1). Talvez pela ousadia de desobedecer as normas sociais de sua época, mostrando-se *“uma mulher que se rebela contra os vestígios da moralidade tradicional e faz valer sua própria identidade autêntica”*, a voz de Diná tenha desaparecido por completo do texto bíblico. Após o desfecho trágico, não constam outras referências que indiquem o que aconteceu a Diná ou a sua versão dos fatos (Kirsch, 1998).

Em outro momento do Livro do Gênesis, há referências explícitas ao contrato entre um homem e uma prostituta (Kirsch, 1998; Sem Autor, sd). Pelos costumes da época, Tamar, viúva sem filhos do primogênito de Judá, teria o direito de deitar-se com seu cunhado para gerar um primogênito que seria considerado como filho de seu marido. Em virtude da morte do cunhado, Tamar aguardava em casa de seu pai até que o terceiro filho da tribo de Judá pudesse gerar com ela o filho do marido. Como o acordo não foi cumprido e tendo o próprio Judá ficado viúvo, Tamar resolve o problema à sua maneira:

“E foi noticiado a Tamar: ‘Eis que o teu sogro sobe a Tamar para a toquia de suas ovelhas’. Depois ela então os seus vestidos de viúva, cobriu-se de um véu, e, assim disfarçada, assentou-se a entrada de Enaim(...) Judá, vendo-a julgou tratar-se de uma prostituta porque tinha o rosto coberto. E, chegando-se a ela no caminho, disse: ‘Queres juntar-te comigo?’ (Ignorava que se tratava de sua nora). Ela respondeu: ‘O que me darás para juntar-me contigo?’ - ‘Mandar-te-ei um cabrito do meu rebanho’ - ‘Está bem; mas dá-me então um penhor até que o tenhas enviado’. - ‘Que penhor queres que eu te de?’ - ‘Teu anel, teu cordão e o bastão que tens na mão’. Ele os entregou; em seguida, aprouximou-se dela e ela concedeu. E levantando-se, partiu; tirou o seu véu e retomou seus vestidos de viúva” (Gênesis 38:13-19).

Existem preceitos rigorosos para o homem livrar-se dos malefícios de uma meretriz. Assim, tocar uma mulher “corrupta” é condenação para as virtudes do homem, “(...) *pode alguém esconder fogo em seu seio sem que suas vestes se inflamem?(...) caminhar sobre brasas sem que seus pés queimem?*” (Provérbios 6:24;29).

Também em Provérbios os jovens são aconselhados a se afastarem dos perigos que a prostituta representa; dissimulação, lascívia, necessidade de brilhos e adornos, gosto pela noite e pela rua, habilidades para a mentira, as emboscadas, o furto, o assassinato. Traçam-se características, sinais que diferenciam as prostitutas das outras mulheres, principalmente o gosto pela vida pública(Roberts,1998). Assim, “(...) *com o coração dissimulado, inquieta e impaciente, seus pés não podem parar em casa; umas vezes na rua, outras na praça, em todos os cantos ela está de emboscada.*” (Provérbios 7:10-12).

O Livro de Josué (2:1-14) faz menção a uma prostituta, de nome Raab, que recebe e esconde em sua casa dois espiões israelitas em visita à cidade de Jericó. Diferente das outras meretrizes apontadas no texto bíblico, Raab se distingue pela bondade, e arrisca a própria vida para proteger os estranhos. Graças ao seu ato de coragem, Raab e seus parentes são poupados quando da vingança contra Jericó.

1.3 As Prostitutas na Grécia Antiga

Conhecida por sua mitologia e por seus pensadores, a Grécia também possuía um cenário rico no que dizia respeito à prostituição, feminina e masculina. Havia diversos tipos de prostitutas: *‘as prostitutas do templo, as cortesãs de classe alta, dançarinas-prostitutas-dançarinas, escravas de bordel (...) e os serviços de meninos adolescentes, comcubinas, escravas domésticas...’* (Roberts, 1998; Sem Autor, sd). Às esposas gregas, estava reservado o espaço doméstico e a procriação de filhos legítimos para seus maridos. Mas era na rua que eles buscavam os prazeres da carne.

Os relatos do culto da deusa Afrodite, considerada a deusa do amor, a construção de templos e rituais para louvá-la, são marcantes na história dos gregos. Algumas prostitutas eram consideradas a encarnação de Afrodite e participavam dos rituais em homenagem à deusa, e mereciam o respeito e a atenção da população e dos governantes. Essas prostitutas, conhecidas como *hieroduli*, eram consideradas criadas da deusa, eram escravas com mais regalias que as *deikteriades* (*prostitutas-escravas*).

A reputação das “boas moças” era mantida às custas de muita rigidez e severidade e às esposas

restava a clausura e o silêncio, enquanto os maridos saíam às ruas para seus encontros com o prazer. Mesmo a educação não era permitida às esposas atenienses, pois, o conhecimento intelectual era a marca de uma prostituta, e às esposas incumbiam apenas as prendas domésticas.

Entre as várias categorias de prostituição encontradas na Grécia, as de maior relevância social eram as *hetairae*. Conhecidas pela inteligência, pelo desprendimento, pela esperteza e pela capacidade de administração de seu capital, essas mulheres andavam livremente no círculo masculino, faziam articulações políticas e compartilhavam suas idéias com quem lhes interessasse, além de participar das atividades consideradas exclusivamente masculinas.

As negociações eram realizadas pelas *hetairae* de forma clara e independente. Elas faziam valer a sua vontade e os benefícios que lhes conviessem e não se permitiam tratar como propriedade particular dos homens que as procuravam.

Trabalhavam livremente em bordéis do Estado, no Templo ou administravam seus próprios negócios, sem sofrerem qualquer represália. Havia escolas para a formação das *hetairae*, as aspirantes aprendiam as artes do prazer e, principalmente as ciências da arte, da literatura, da filosofia e da retórica o que as tornava “*as mulheres mais instruídas de toda a Grécia*”. (Roberts, 1998)

“Cada cortesã tinha uma pedra que ela usava para registrar mensagens, e toda manhã um cliente lhe escrevia cumprimentos, juntamente com os detalhes mais práticos, como o horário sugerido e o preço. (...) se os termos fossem do seu agrado, a cortesã se dispunha a encontrar com o cliente mais tarde, no cemitério. Ao anoitecer, o jardim estava repleto de belas mulheres e seus clientes, flertando, se divertindo, negociando.”(Roberts, 1998)

Algumas prostitutas ficaram famosas na Grécia por conta de suas habilidades nas artes do amor, pela destreza nos negócios e pelos amantes famosos, como Aspasia, amante de Péricles, governante de Atenas. Aspasia administrava uma das escolas de *hetairae* e era admirada também como filósofa. Segundo Roberts (1998), ...”*o filósofo Sócrates frequentemente levava seus amigos e alunos para ouvir as conferências de Aspasia.*”

Destacaram-se, também, Rodopis, grega que fez tal fortuna no Egito que construiu sua própria pirâmide, Taís amante do Imperador Alexandre, Teoris e Arquipa amantes do dramaturgo Sófocles, Peitho, que se casou com Hierônimo, governador de Siracusa, Lais, a Velha, que se relacionava com Diógenes e Aristipo e sua filha, Lais, a Jovem, cujos clientes eram famosos artistas e oradores (Roberts, 1998).

As vantagens da profissão eram tão atraentes que algumas mães incentivavam suas filhas a investirem no negócio. Corina é incentivada por sua mãe, Crobyla, a aceitar a corte de um jovem rico ateniense:

“- Mas como poderei fazer isso? - Como eu já o fiz e como pratica nossa vizinha. - Mas ela é uma prostituta. - Que importa? Tu serás rica como ela e como ela terá uma multidão de admiradores a teus pés.(...) -Tu choras? Tola! Mas repara como é grande o número das prostitutas, como levam a vida e que riquezas acumulam. ” (Roberts, 1998, Sem Autor, sd)

Após o período de dúvidas e inquietações, Corina concorda com as idéias da mãe. Crobyla inicia, então, os ensinamentos para a filha desempenhar bem sua função:

“- Se consentes em ir a um banquete por um preço convencional, a gente não se embebeda, toca com delicadeza nos azeites e não fala demais; só se deve ter atenções para aquele a quem se destina. Quando ele nos conduz para o leito, não nos devemos indignar, nem tão pouco facilitar. Deve-se ter todo o cuidado em assegurar bem a conquista. - Todos aqueles que pedem os nossos favores são como Lucrito que esteve ontem comigo? - Não. Há os mais belos, mais brutos e mais velhos. - E eu devo prodigalizar as minhas carícias tanto a uns quanto a outros? - Aos velhos sobretudo, porque são mais generosos e pagam bem. Primeiro que tudo é mister enriquecer-se a gente.” (Sem Autor, sd)

Havia um tipo de prostituição financiada pelo Estado, com bordéis oficiais administrados pela máquina pública. Nesses espaços, prostitutas trabalhavam por um salário, que não correspondia ao que seus clientes pagavam às instituições. Havia, ainda, as *deikteriades*, as prostitutas-escravas, a maioria capturada em guerras e algumas compradas em mercados de escravos.

Outra categoria conhecida é a de dançarinas-musicistas-prostitutas, as *auletrides*. Elas participavam de banquetes apenas para homens, dançavam, tocavam e depois, tinham relações sexuais com eles. A elas, como também as *hetairae*, era permitido manter relações prolongadas com seus amantes. Elas viviam livres e freqüentavam todos os espaços que representassem seus interesses (Roberts, 1998; Sem Autor, sd).

Esta diversidade nos acompanha até os nossos dias. Um largo repertório de definições impede a cristalização de uma ou outra versão da prostituição. E nos leva a perguntar se é realmente a economia que regula e define as práticas das prostitutas.

2. AS MULHERES DA VIDA: ALGUMAS TEORIAS

A sociedade chama as prostitutas de “mulheres da vida”, “rameiras”, “meretrizes”, “vadias”, “piranhas”, “mulheres de vida fácil”, “mariposas”, “perdidas”. Todas as prostitutas negociam, de forma explícita, favores sexuais em troca de dinheiro, desrespeitam a máxima de ser o sexo uma dádiva a ser oferecida ao, e, às vezes, compartilhada com, o homem amado, de preferência dentro dos sagrados laços do matrimônio (Gaspar, 1988; Rago, 1996; Kirsch, 1998; Roberts, 1998).

Sair com vários homens, não escolher o parceiro, cobrar pelos serviços, expor a perda da virgindade, circular em um mundo, ainda hoje, masculino, parece pôr as prostitutas em desvantagem em relação às mulheres ditas “de família”, para as quais os códigos de conduta moral são rígidos, marcados pela submissão e pela subserviência a um companheiro. Quer sejam identificadas como sofredoras - mulheres que o sofrimento e a violência levam ao “mau caminho” - quer sejam consideradas pecadoras, levianas e dissimuladas, continuarão em desvantagem em relação aos demais. Se as razões para a prostituição derivam de um pecado social ou individual (Rago, 1991) não importa, pois, quem pertence a este universo manter-se-á “fora” do “bom caminho”, à margem do meio-social (Castro, 1993).

A prostituição tem sido amplamente discutida no âmbito da medicina, da criminologia, da vigilância sanitária, das doenças sexualmente transmissíveis, da epidemiologia, das representações. Alteram-se os adjetivos, mas a versão final leva quase sempre ao mesmo fim: segregação. E o tratamento varia conforme o olhar dos estudiosos.

A teoria do desvio, de Goffman (1975), é muito utilizada para definir as identidades marginais. O termo desviante implica a idéia, pré-estabelecida, de uma norma social dominante, que o sujeito desvirtuou, cujas regras perverteu (Bacelar, 1987; Versiani dos Anjos Jr., 1980; Espinheira, 1984). Em consequência, o sujeito deve ser discriminado, e discrimina a si mesmo, já que o desvio não é apenas uma das facetas de sua personalidade mas responde por seu todo.

A dimensão da prostituição como escolha de sujeitos desejanter, históricos, é abordada de forma diluída, sob uma visão basicamente higienista (Versiani dos Anjos Jr., 1980; Engel, 1986; Gomes, 1994; LILACS, 1997). Nessas publicações, em um considerável número de relatos se atribui a prostituição a

problemas relacionados a pobreza, doença familiar, viuvez, violência, abandono pelo marido, necessidade de criar os filhos, necessidade de cuidar e sustentar doentes e outras questões relativas à dinâmica familiar ou, ainda, a falta de opção de trabalho no mercado formal; e esse discurso é corroborado pelas mulheres.

A miséria econômica é vista, no Brasil, como um dos principais motivos de ingresso no mundo da prostituição, segundo Gaspar (1988). Mas nos Estados Unidos, é possível considerar a prostituição uma escolha pessoal por um trabalho independente. Na França, a prostituição estaria, via de regra, ligada à figura de um aliciador e aconteceria por “engano”, “inocência” ou “falta de informação” das mulheres envolvidas. Não existe, portanto, uma explicação constante para o assunto.

Outra visão é a da sexualidade perversa (Castro 1993; Rago, 1996; Gaspar, 1988) segundo a qual as “características naturais femininas” seriam desvirtuadas e levadas a extremos e resultariam em uma perversão de valores e condutas, de cunho individual. A perspectiva psicopatológica é também presente nesses discursos: disfunções, problemas de personalidade, levariam mulheres à prostituição.

Ao lado de todas as explicações para essa profissão, e dos preconceitos em torno de quem a pratica, não existe uma intenção clara de se erradicar a prostituição. Ao contrário, a luta de forças dá-se no terreno da reclusão das mulheres em zonas, certas ruas das cidades, ou a seus arredores, (Castro, 1993; Rago, 1996; Espinheira, 1984, Roberts, 1998; Wolf, 1998). Essa prática seria um “mal necessário”, parte constituinte de sociedades calcadas na desigualdade de bens e consumo.

A sobrevivência da prostituição dependeria, exclusivamente, das diferenças nas estruturas das sociedades e ajudaria a manter a ordem burguesa. Com a industrialização, e a maior interação das famílias com o espaço público, tornou-se necessário o controle das “sexualidades vagabundas” – existiria alguma que não é? – em contraposição às “sexualidades sadias”- existiria alguma doente? – representantes do universo familiar (Castro, 1993; Rago, 1996; Espinheira, 1984; Versiani dos Anjos Jr.,1980). Essa cisão está presente no discurso das mulheres. *“Para que vocês existam aí fora, é necessário que a gente exista também”*.

A divisão dos mundos em “ mundo das prostitutas” e o das “mulheres da sociedade”; o público e o privado, regula as trocas subjetivas dos grupos sociais; quem pertence a um não pode circular impunemente pelo outro, sob pena de ser apontado como desviante. Esses mundos são excludentes, a cisão sustenta a ordem social, a destruição de um implicaria na falência do outro (Gomes, 1994; Goffman, 1987). E a necessidade de controle dos corpos passa também pela necessidade de controle do espaço físico, subjetivo e institucional. (Castro, 1993; Engel, 1986; Rago, 1996).

Paralelamente às perspectivas de um destino fatalístico, sem retorno, marcado por uma certa constância discursiva, a singularidade dos sujeitos humanos remete à diversidade dos sentidos, sentidos

construídos por cada indivíduo na sua relação com o mundo.

As regras e a valorização moral e de condutas, próprias de nosso tempo, compactuam com o contexto político, econômico e social também no que se refere à sexualidade. Cada cultura lida com a sexualidade de um modo específico, representa a sexualidade segundo suas possibilidades internas e a capacidade de articulação das forças de seu grupo social (Boltanski, 1989). A sexualidade pode ser entendida, assim, como um fenômeno que tem expressão entre indivíduos de grupos com valores e atitudes específicos, e está inter-relacionado com o contexto destes grupos, circunscrito a um lugar psicológico (Valadares, 1994).

A prostituição não foge aos ditames destas grupalidades, e recebe uma carga cultural, afetiva e simbólica coerente com o contexto que a cerca. Amplamente estudada, considerada “a profissão mais antiga da humanidade”, a prostituição possui várias modalidades e intensidades, reguladas pela singularidade de sujeitos concretos, históricos, desejanter, cuja multiplicidade de leituras, de traduções do espaço simbólico denuncia a relatividade da verdade das palavras (Blikstein, 1990). A realidade desafia-nos, a todo instante, com uma diversidade de sujeitos mutantes, revolucionários, dinâmicos, de sujeitos a construir, a cada momento, novas formas de expressão nos grupos (Querolin Neto, 1997).

2.1 As Mulheres na Vida: Um Olhar sobre a Atualidade

Sem dúvida as desigualdades econômicas e sociais fomentam a exploração e o comércio do sexo. Mas a prostituição apresenta diferentes nuances entre as classes sociais, e assim, sugere a relativização de sua ligação com a miséria da população (Versiani dos Anjos Jr., 1980; Castro, 1993; Moraes, 1996; Wolf, 1998; Szterenfeld e Fonseca, 1996).

A prostituição masculina, até alguns anos atrás não muito comentada, é hoje um mercado em ampliação nas grandes cidades (Perlongher, 1987).

É cada dia mais freqüente a propaganda da prostituição nos meios de comunicação. Anúncios em jornais e revistas (de forma explícita ou velada), sites na Internet, anúncios na televisão, relações eróticas por telefone, etc.

Aumenta o número de agências de promoção de encontros entre as mulheres e os clientes, cresce o número de *call girls*, *scort girls* e de garotas de programa (Gaspar, 1986; Moraes, 1986; Szterenfeld e Fonseca, 1996). Nesse mercado, circulam garotas das mais variadas classes sociais, muitas com formação universitária e domínio de mais de um idioma. A beleza, o luxo e o mistério acerca do trabalho fazem parte do negócio e contribuem para uma carreira de sucesso. Essas garotas não se consideram prostitutas, embora o

produto final de sua negociação seja o mesmo.

A diferença entre as prostitutas de luxo e o baixo meretrício (Moraes, 1995) não é tão grande quanto as primeiras gostariam de acreditar. As diferenças principais dizem respeito às identificações e ao culto à beleza. Para uma garota de programa, a garantia de uma carreira de sucesso e de muitos fregueses é o sigilo. E muitas são convidadas para participar de festas, convenções e eventos diversos na companhia de executivos, empresários e turistas, espaços em que se exige uma postura que em nenhum momento as identifique como prostitutas.

Para continuar no mercado, as garotas precisam diferenciar-se por atributos físicos e sociais. É necessário vestir as roupas da moda, conhecer os lugares da moda. O culto à beleza e a preocupação com os ditames da moda fazem parte do cotidiano dessas mulheres. Em uma sociedade em que “ser bonita” e “estar bem vestida” é quase um sinônimo de realização pessoal, sucesso e felicidade (Gaspar, 1986; Wolf, 1992), fugir a esses padrões é uma ameaça às possibilidades de trabalho.

Entre as mulheres que fazem prostituição de rua, esses critérios são outros. Ao invés do segredo em torno da atividade, é preciso deixar claro quem você é, e o que faz. Além de escolher um local da cidade reconhecido como lugar de prostitutas (Ribeiro e Mattos, 1996), o cliente precisa saber identificar quem é e quem não é prostituta naquele contexto.

Do ponto de vista econômico, a pesquisa realizada por Szterenfeld e Fonseca (1996) nas áreas da Praça Tiradentes e da Central do Brasil, no centro do Rio, e na Praça do Pacificador, em Caxias mostra que definir a prostituição de rua como prostituição de baixa renda não condiz com a realidade, já que a renda vai depender do desempenho das mulheres, do tipo de freguês e do ponto de trabalho.

Com relação à beleza e à moda, as diferenças também se mostram. Entre as mulheres na rua é mais difícil explicar o sucesso no trabalho, pois existem mulheres em idades variadas e estilos completamente diferentes. Mulheres muito bonitas, mulheres feias, novas, velhas, negras, mulatas, brancas, gordas, magras, baixas, altas, etc. Algumas se vestem segundo nossa imagem interna da prostituta: roupas extravagantes, muitos colorares e pulseiras. Mas a maioria das mulheres da vida veste roupas comuns, sem muita irreverência. Conseguir clientes, enfim, não depende de estereótipos, sobre beleza e vestuário.

Essa pluralidade indica a capacidade dos sujeitos de romperem com estereótipos, no terreno do desejo. Por mais que a cultura tente aprisionar o sujeito em uma “maneira correta” de desejar, linearidade alguma explica o desejo e as escolhas do sujeito, seja a prostituta, seja o cliente.

A prostituição feminina tem movimentado diversas lideranças. A prevenção e a saúde aproximam grupos afins mas não podem ser os únicos objetivos de um trabalho a pretender o sucesso. Assim, a partir

das discussões sobre saúde e prevenção, o Grupo Fio da Alma, por exemplo, tem ampliado as reflexões sobre a mulher, suas escolhas, afetivas e políticas, e a luta pelo seu bem estar.

A docilidade dos corpos, e a resignação dos discursos, não cabem diante da revolução individual de cada sujeito, neste universo onde as profissionais do sexo garantem seu espaço no “mundo de fora”. Nas ruas constroem-se singularidades, segundo diferenciações, dissociações e interações (Espinheira, 1984) que ultrapassam as perspectivas da patologia, do desvio ou do “mal necessário” à sociedade familiar burguesa. O caminho aqui é pensar a prostituição como possível expressão de singularidade, não só nos grupos sociais em que a miséria, a necessidade ou a dor são a vivência do cotidiano.

A Rede Internacional de Profissionais do Sexo (www.walnet.org/nswp) busca entender a complexidade das relações de trabalho na prostituição e diminuir a distância entre homens e mulheres. As discussões sobre classe, raça, gênero, na construção de uma identidade feminina, poderiam ser ampliadas para permitirem uma visão mais rica da sexualidade. Embora essas tendências ainda sejam mais fortes na teoria do que na prática, apontam caminhos para a compreensão do tema.

Para Jo Doecema² (1999), coordenadora da Rede, na área de Recursos Humanos, o feminismo tende a ver todas as questões ligadas às mulheres como opressão de gênero. Mas as profissionais do sexo desafiam esta visão, pois apontam para problemas mais importantes que os de gênero, como por exemplo: a pobreza, a ausência de direito social, a desigualdade no acesso aos serviços, as limitações para o exercício de uma sexualidade plena, a violência, a erotização infantil, etc.

Esta última visão permite uma reflexão mais profunda sobre o poder e sobre as relações entre homens e mulheres. Se existe um campo para a discussão sobre a legitimidade do trabalho prostitucional, é preciso considerar legítimo, também, o desejo masculino, é preciso contrapor os campos do desejo masculino e feminino para além das diferenças de gênero. As relações humanas transcendem as diferenças de gênero e apontam para a dimensão do desejo, desejo que transborda, que desafia nossas explicações. Assim, se existe um movimento de oferta feminina, existe também algo relacionado a esta oferta que desperta o desejo e as fantasias masculinas em torno do universo prostitucional.

O feminismo, e as profissionais do sexo (Doecema, 1999) oferecem indícios, ainda, para se entender como a indústria do sexo funciona. O silêncio, dos governos, em relação ao tráfico de mulheres tem ligação com o medo do estranho, com a complacência ante a ilegalidade e com a alegação, de uma cultura que justifica a violência como discurso corrente (Wolf, 1992), de que se a mulher se prostitui, corre riscos

² N.A.: Informações colhidas no Seminário Feminismo e Movimento das Prostitutas: Conflitos e Contribuições, realizado em 03/09/1999 no auditório do Hospital São Francisco de Assis, RJ.

que “as outras” não correriam.

Mesmo com toda a liberação sexual, o desejo feminino continua preso aos ideais do amor. Para a geração do sexo livre é clara a divisão entre as formas dignas de lidar com o corpo e a sexualidade e as outras possibilidades “não tão dignas”. No terreno do discurso esta divisão é considerada como ultrapassada, mas “uma boa moça sabe muito bem que tem que respeitar seu corpo, não se denegrir”.

O mesmo horror que se associa à figura da prostituta, se revela também em torno do homossexualismo masculino. Se as mulheres passam boa parte do tempo ameaçadas pelo estigma da prostituta, para os homens uma ameaça também existe. A qualquer sinal de “fraqueza”, “delicadeza”, “frescura”, os homens, podem ser tachados de homossexual, “bicha”, “gay”, “frutinha”, “boiola”, “painheiro” e outros adjetivos mais. O homem precisa manter uma atitude rígida, no estilo “homem não chora”, para não correr o risco de receber algum destes apelidos.

A prostituição, ainda hoje, representa uma parcela das fantasias - masculinas e femininas - de liberação sexual, pois a modernidade e a liberdade sexual não garantem a vivência de uma sexualidade livre. Vivê-la passa por uma outra ordem de relação com o mundo, onde o sujeito habita um lugar (Valadares, 1994) e, a partir deste lugar, constrói seu lugar como sujeito.

Para além da cultura do risco e da aventura, e da necessidade, ou não, da mulher prostituir-se, deve prevalecer o direito de cada um sobre o uso do seu corpo. E esse uso não pode estar sob o domínio do outro, mas precisa ser uma escolha do sujeito.

3. PERCURSO METODOLÓGICO

Considerando a diversidade de universos das prostitutas, decidi estudar apenas mulheres que fizessem prostituição de rua, na Praça Tiradentes, nas imediações do Centro de Arte Hélio Oiticica. Não estudei a prostituição de luxo, representada pelo trabalho das garotas de programa, *call girls*, *scort girls*, ou qualquer outra atividade que não se caracterizasse como prostituição feminina de rua, e como, por exemplo, o comércio sexual em bordéis, saunas ou casas de massagem.

Minha idéia era escolher mulheres que trabalhassem na área há mais de dez anos, para que eu pudesse colher dados sobre a mudança no espaço e no perfil da prostituição do local. Na prática, isso aconteceu, embora, no contato inicial, o critério tempo de trabalho na área eu não tenha seguido de forma rígida. Apenas uma das mulheres trabalhava há mais ou menos três anos na área, mas está há dezoito anos na prostituição. Esta atitude se deveu a eu sentir que se eu me prendesse a este dado talvez tivesse problemas para realizar as entrevistas. Tanto o número de mulheres na área não era muito grande quanto a aceitação de participar da entrevista partiu das mulheres mais velhas.

Isto talvez se relacione com um maior esclarecimento dessas últimas acerca da ausência de ameaça em participar de um trabalho desta ordem, ou ainda porque as mulheres mais novas se sentissem incomodadas com minha presença. Uma delas foi taxativa e um tanto agressiva na recusa. Talvez também tenha influido a falta de intimidade dessas mulheres, novas na área, com a agente de saúde, origem de uma certa desconfiança sobre as minhas intenções.

Ao todo realizamos seis entrevistas, das quais uma não foi utilizada, pois no momento da entrevista a depoente estava completamente drogada, sem condições de entender as perguntas, ou de respondê-las com coerência. Assim, ao final do trabalho, foram objeto de análise cinco entrevistas, uma com cada mulher.

Para abordar o tema escolhi o caminho da construção de narrativas (Cardoso, 1989). A proposta desta linha de investigação é, o entrevistado construir, através de sua história pessoal, sua visão de uma história mais geral, uma história do conjunto da sociedade na qual ele está inserido.

Cardoso (1989) parte do princípio de que os homens não existem isoladamente, mas em inter-

relação com seus pares e na contraposição de idéias, valores, interesses, sentimentos a darem sentido às particularidades de cada indivíduo. Esta autora valoriza o âmbito cotidiano das ações humanas, pois acredita ser no fluxo dos dias que encontramos a explicação e a emoção, que fazem a diferença no estudo de populações.

Meu encontro com cada mulher entrevistada foi um momento único que me permitiu não só colher e analisar os dados, mas a construir um saber amplo sobre a sociedade. Através do olhar das mulheres, da forma como cada uma vê o mundo, pude refletir sobre a forma como esse mundo está organizado, embora estas visões não sejam as únicas representações desta organização social.

A possibilidade de estudar a “história do tempo presente”, a “história viva” (Meihy,1998) possui um caráter prático, dinâmico, que não se pode desconsiderar. Dar voz às mulheres que fazem a vida na cidade foi um meio de trazer à luz a vida destas mulheres, suas concepções de mundo e suas histórias. E contribuiu também, para uma aproximação das “mulheres direitas”, em contraponto com as primeiras. As fontes orais serviram de instrumento para as reflexões, e me permitiram ter um olhar sobre o mundo e sobre as leituras de mundo, que não cabem na dicotomia dominante/dominado, mas são a confluência histórica desses dois pólos.

Sabendo ser toda leitura sempre parcial, tendenciosa, emocional, a responder aos interesses de seus protagonistas, encarei este trabalho como uma leitura, a implicar uma tensão entre autor, leitor e texto (Orlandi, 1988). Desta tensão surgiu um novo texto, composto de interjeições, silêncios, ausências, valorizações e sonoridades diversas, coerentes com a lógica do sujeitos no seu viver. Cada entrevista apresentou uma leitura singular de um modo de viver e entender os acontecimentos da vida e, conseqüentemente, uma tradução e uma tomada de posição - por mim e pelas entrevistadas - frente ao mundo e no mundo.

Minha experiência como Psicóloga e como aprendiz na arte da Psicanálise, contribuiu para esses diálogos, e serviu de ferramenta também na análise dos dados. Pois me permitiu olhar o sujeito como um conjunto de silêncios, gestos, hesitações e omissões e não só como aquilo que se apresenta ordenadamente (Levi, 1998).

Também utilizei, para a análise de dados, o paradigma indiciário desenvolvido por Ginsburg (1991), pautado na procura de indícios, sinais, pistas normalmente imperceptíveis para a maioria dos observadores. Além disso, Ginsburg considera, em seu método de análise, serem as investigações pautadas no relato dos afetos, fantasias, desejos, aspirações e expectativas de uns, ao invés de centrar-se nas populações, uma fonte rica de observação dos fatos e caminho próspero para a pesquisa social.

Estes meios proporcionaram uma aproximação das mulheres pelo que elas apresentavam de singular sem, contudo, cair na armadilha do exótico, com que se nos apresentam os sujeitos distantes de nossa rotina (Minayo,1994). Tive a preocupação constante de não incorrer na armadilha de, ao estudar o universo das profissionais do sexo, ignorar seus saberes ou de os valorizar em demasia, de forma ingênua. Orientei-me no sentido de fazer uma investigação crítica das potencialidades presentes no discurso das mulheres, e apontar a diferença entre a cultura das classes populares e a cultura que se lhes é imposta, preconceituosamente.

Assim, longe de almejar uma descrição exaustiva do que pensam as profissionais do sexo sobre a vida e o viver, busquei fazer uma leitura deste grupo, e do conjunto da sociedade. E se encontrei diferenças que falavam da singularidade dessas mulheres encontrei também, fatores comuns, da ordem da cultura, que evidenciam a organização do imaginário social próprio de nossa época. E mostram o modo de constituição do lugar da mulher e do homem em nossa sociedade, e as formas esperadas de relação entre eles.

3.1 A Entrada no Campo

A entrada no campo ocorreu no período entre os meses de agosto e setembro de 1999, depois de algumas incursões informais desde o início do ano. O contato inicial para a realização das entrevistas deu-se através de uma agente de saúde do Grupo Fio da Alma que, na época, realizava trabalho de prevenção na área da Praça Tiradentes. Essa agente foi o meu elo de ligação com as profissionais do sexo, além de servir como informante privilegiada (Minayo, 1994) a auxiliar nos contatos e, às vezes, a explicar às mulheres, com suas palavras, os objetivos do meu trabalho.

Apenas uma entrevista foi realizada sem este contato anterior, em um dia em que eu e minha informante nos desencontramos. Nessa ocasião, transitei pelo local, a fazer contatos informais, e consegui consentimento para uma das entrevistas. As restantes só foram possíveis com o auxílio da agente. Após esta aproximação, eu apresentava, ou acrescentava, maiores informações acerca dos objetivos da pesquisa, e da entrevista.

Na explicação sobre a pesquisa, eu me referia à vida e ao que é ser mulher, segundo a natureza do meu trabalho de psicóloga (Anexo I e II). Chamou minha atenção que muitas mulheres - inclusive algumas que não aceitaram fazer a entrevista, por “falta de tempo” ou por “não estarem num bom dia” - ao saberem ser ligada à FIOCRUZ, elogiavam a Fundação como um lugar preocupado em estudar e cuidar da saúde. Consentimento dado, partíamos para a segunda etapa do processo, relacionado ao cumprimento do protocolo

de autorização para utilização dos dados.

As normas técnicas desta pesquisa incluíam o preenchimento de um termo de consentimento, onde constavam meus dados como pesquisadora (Anexo III), meu compromisso com o sigilo, a natureza da pesquisa, os meios de utilização e os fins a que se prestaria a pesquisa, bem como os dados da entrevistada e sua concordância em realizar a entrevista e com a utilização futura da entrevista, por mim. De início, este foi meu primeiro problema na entrada no campo pois, invariavelmente, elas se recusaram a preencher ou assinar qualquer documento que as identificasse diretamente, embora não se incomodassem em falar sobre o tema.

Outra dificuldade residiu na utilização do gravador. Embora não tenha sido uma unanimidade (duas mulheres aceitaram que eu o utilizasse), este instrumento foi posto de lado, para a coleta dos dados. Optei então, por anotar as entrevistas. Mas para algumas mulheres mesmo este procedimento pareceu invasivo, sendo preferível uma escuta livre, com posterior redação das narrativas. Estas situações já foram vivenciadas por outros pesquisadores no decorrer do trabalho de campo, sem se comprometer a qualidade dos dados, como no trabalho de Perlongher (1987), com *michês*, na cidade de São Paulo.

Assim, se, por um lado o rigor técnico precisa ser levado em conta, por outro, algumas situações não cabem em nossos protocolos e manuais. As populações marginais, de um modo geral, podem sentir-se perseguidas por identificações, gravadores e assinaturas. O que, para mim, era uma forma de garantir a fidedignidade dos dados e a seriedade do trabalho, para elas significava ameaça de identificação e prejuízo às suas individualidades. Assim, deixei em suspenso os termos de consentimento e do gravador e pus-me à disposição, para ouvi-las da forma como desejavam ser ouvidas; sem um “terceiro” intermediário de nossos encontros.

Considereei positivo estar participando como voluntária das reuniões do Grupo Fio da Alma desde meados de 1999. Esta experiência me permitiu aproximar-me, informalmente, da agente de saúde e favoreceu uma relação de confiança entre nós duas, quanto aos meus propósitos na pesquisa.

3.2 A Praça Tiradentes

A Praça Tiradentes está situada na área central da cidade do Rio de Janeiro, próxima ao Teatro João Caetano, à Avenida Passos e à Rua da Carioca. E já no Rio antigo era, conforme mapeamento realizado por Ribeiro e Mattos (1996), uma importante área de prostituição.

Nesta área, o maior movimento de trabalho das mulheres se estende de segunda a sexta, no horário comercial, o que me permitiu realizar as entrevistas durante o dia sem maiores problemas de locomoção e

sem perigo.

As mulheres concentram-se entre as ruas Luiz de Camões, Travessa Belas Artes, Rua Imperatriz Leopoldina e Avenida Passos, e dividem esta última via com os travestis. Na rua Luiz de Camões, desde 1996 o Centro de Arte Hélio Oiticica, espaço destinado a exposição de artes plásticas, trouxe um movimento maior à área. Algumas mulheres consideram que este Centro lhes dificulta o trabalho, pois a maior circulação de pessoas tirou um pouco da privacidade da rua.

Logo na entrada da rua Imperatriz Leopoldina, dos dois lados da rua, existem bares, a que as profissionais do sexo tem entrada livre, e onde conversam com as colegas e os seus fregueses, ou sentam-se sozinhas. Em um desses bares realizei duas entrevistas, por sugestão das mulheres, que julgavam ser o ambiente mais confortável, para mim e para elas.

Nas ruas, as mulheres circulam à espera de fregueses. Feito o acordo, dirigem-se aos hotéis existentes no local. Três entrevistas foram realizadas nas proximidades do bar, também por escolha das mulheres pois, depois de eu apresentar-me e de elas aceitarem fazer a entrevista, eu as deixava livres para escolher qual seria o melhor local para conversarmos, desde que houvesse calma. Além de bares e hotéis, na região existem sapatarias, lojas de produtos importados, onde se vende tudo a R\$ 1,99 e lanchonetes, onde as mulheres realizam lanches e almoçam, no sistema *self service*.

Em frente ao centro de arte existe também uma academia de ginástica, perto da qual realizei duas entrevistas. Uma das profissionais do sexo pediu que nos afastássemos um pouco da entrada da academia, pois elas haviam feito um acordo para deixar o caminho livre para quem desejasse entrar ou sair da mesma. Mas permanecer nas laterais do prédio, e ao lado da entrada, não constituía problema.

Uma característica importante da prostituição é a circulação das mulheres pela cidade, sem compromisso com a “batalha” em um único ponto. Definirão uma permanência maior em um determinado local, os contatos, as vantagens, os conhecimentos, a rede de amizades, das mulheres, com os comerciantes, formais e informais, a polícia e a vizinhança em geral.

Embora as mulheres aleguem ser importante a união do grupo, para se defenderem dos ataques externos, não me pareceu haver uma ligação profunda entre elas, uma ligação capaz de permitir uma articulação política maior. Mostravam esta articulação, pelo que pude observar, nas questões de saúde; quanto mais informada e interessada a mulher nas atividades de prevenção e no cuidado de si, mais articulações com o movimento de mulheres tornam-se possíveis, e mais se amplia o espaço para a luta pela cidadania e pelos direitos humanos.

Embora eu esteja a me referir a todo momento à prostituição feminina na Praça Tiradentes, o

espaço de trabalho das mulheres não está circunscrito ao terreno da praça propriamente dita, pois inclui uma área, nas imediações desta praça, que atende pelo mesmo nome.

3.3 As Mulheres da Praça

A frequência média de mulheres, nas imediações da área estudada, varia entre vinte e vinte e cinco mulheres por dia, a maioria entre vinte e cinquenta anos. Algumas vestem saias e shorts curtos, outras, jeans e camisetas. A heterogeneidade no “uniforme de trabalho” chamou minha atenção, porque, se algumas mulheres cabiam no perfil prostituta personagem, outras vestiam-se com muita discrição e passariam muito bem como transeuntes, a um observador menos atento.

Esse fato nos lembra o capítulo anterior, quando falamos dos estereótipos atribuídos às mulheres, esteriótipos que, muitas vezes, internalizamos sem muitas críticas. Algumas mulheres jamais poderiam ser classificadas como prostitutas sem observarmos os jogos de sedução, os olhares e as sutilezas dos contatos entre fregueses e elas. Esta imprecisão traz de volta a divisão entre “as boas moças” e “as moças da rua”. Se não existe distinção concreta, qual será a diferença fundamental entre umas e outras?

Atribuí nomes às mulheres. Mesmo as mulheres que me ofereceram nomes fictícios tiveram seus nomes trocados, por mim na apresentação de suas histórias. Assim, pude dialogar com Iracema, Luíza, Bárbara, Lígia e Carolina. Cada uma com seu estilo, seu jeito, sua forma de ver o mundo e viver a vida. E, como as mulheres cantadas nas letras de Chico Buarque, de onde escolhi os nomes, todas cheias de poesia e desejo de viver.

4. GENTE COMO A GENTE: NARRATIVAS

*“Muitas perguntas
O afundas de respostas
Não afastam
Minhas dúvidas
Me afogo
Longe de mim
Não me salvo
Por que não me acho
Não me acalmo
Por que não me vejo
Percebo até
Mas desaconselho
[...]
De longe
Parece mais fácil
Frágil é se aproximar...”*

Enquanto Durmo - Zélia Duncan

IRACEMA

*“Não dá mole pra polícia
Se puder, vai ficando por lá
Tem saudades do Ceará,
Mas não muita.”
Chico Buarque*

Aproximo-me de Iracema, junto com a agente de saúde. Ela não se mostra muito interessada em falar comigo e tenta livrar-se de nós duas. Depois de explicar os objetivos do trabalho, ela se convence, “*só porque não precisa falar nada sobre saúde, camisinha, essas coisas*”. Fala que certos dias não está com a menor paciência para essas conversas, mas sobre a vida ela podia falar um pouco.

Iracema é uma negra alta, bonita, de cabelos longos, com algumas mechas avermelhadas. Com cerca de trinta e quatro anos, poderia facilmente fazer o estilo “mulata tipo exportação”. Quando queria reforçar uma opinião, jogava os cabelos para trás, com vigor, e me olhava insistentemente, como que esperando também por minha opinião. De início, falando da sua forma de levar a vida e de se relacionar com as pessoas:

“É pra falar sobre a vida, não é? Primeiro: não me meto na vida dos outros, cada um que cuide da sua. Já é tão difícil cuidar do próprio nariz, ainda ter que se meter na vida alheia, ficar dando palpite do que é certo e do que é errado? Isso eu não faço. Eu tenho um sistema que é assim: o que eu gosto eu acompanho, o que eu não gosto, deixo passar. Não fico pensando no que tá certo ou não, não tem caminho errado, cada um escolhe o seu. Se for bom continua, se não for bom muda.”

Iracema acredita que se deve viver de modo independente, sem preocupação com o que falam sobre ela, ou o que os outros estão fazendo com suas vidas. A vida tem bases em um sistema pessoal, tem sua técnica de viver (Heidegger, 1990; Ortega y Gasset, 1939). Para ela, trabalhar na rua não faz com que a mulher tenha mais ou menos clareza sobre a vida. Qualquer um tem oportunidade de viver com maior liberdade e, ainda assim, não ser dono do seu destino.

Cada sujeito vai fazer a vida como quer, e como pode. Nesse poder se incluem os instrumentos

personais de cada sujeito, para construir seu lugar no mundo (Valadares, 1994). Se o sujeito não consegue escolher o que lhe convém, está sempre perdido; seja “na vida” seja “fora da vida”. É necessário cada um inventar-se cotidianamente, para se conseguir descobrir o bom ou o ruim para si mesmo.

“Acho que não é só lá fora, não. Tem muita mulher que trabalha aqui que também não sabe viver. Não é por que tá na rua que sabe viver, sabe ‘se virar’. Às vezes vem pra batalha, mas tá toda perdida, não é só lá fora que tem gente sem rumo, aqui também tem. Eu levo a minha vida como eu quero e como eu posso, não dá pra ficar reclamando dizendo que tinha que ser ‘assim ou assado’; é assim e pronto. Depois vê no que dá.”

Iracema falava pouco, usava frases curtas e pouca conversa, mas, pôde, com seu relato, indicar questões relevantes sobre o viver. Ela, e outras mulheres ressaltam a importância do sofrimento como um rito de passagem para o tornar-se mulher (Wolf, 1992; Kehl, 1996). Esses rituais envolveriam um dispêndio de energia libidinal constante, o abandono de antigas posições em prol de novas, de acordo a capacidade de se equacionarem as forças pulsionais (Freud, 1929). O sujeito é capaz de criar um sem-número de significações para a sua vida, significações a ultrapassarem o óbvio das definições e dos conceitos e a permitirem, assim, uma reflexão constante em torno de nossas próprias verdades.

“O que faz uma mulher, mulher de verdade é o sofrimento, a dificuldade de todo dia. Não é moleza se manter vivo e ainda querer ser feliz, viver com alegria. Tem gente que não tira proveito da vida, dos erros, dos acertos pra tentar seguir adiante. Isso só atrapalha, atrasa a vida. Você precisa saber o que quer pra tentar ser feliz, se não fica fazendo só bobagem.”

Quanto às mudanças na cidade, Iracema acha que não influenciaram tanto na rotina de trabalho. Para ela, o aumento no fluxo de pessoas na região não é uma ameaça e as mulheres que temem o movimento não estão trabalhando direito, ou estão “medrosas por nada”.

“Acho bobagem esse negócio de mudança no trabalho. Tem muita mulher que acha que mudou depois que ele abriu[o Centro de Arte] O trabalho não mudou, os fregueses continuam vindo do mesmo jeito. A única coisa que mudou é que agora vem mais gente, famílias, estudante, pessoas pra ver esse prédio. Mas, assim, o trabalho continua do mesmo jeito. Não me incomoda o movimento, pra mim tanto faz”.

LUÍZA

*“Rua, espada nua
Olha no céu, imensa e amarela,
Tão redonda a lua, como flutua”
Chico Buarque*

Encontrei Luíza na entrada da rua Imperatriz Leopoldina, na frente do bar. Estava acompanhada de Bárbara, e de outras duas mulheres. Conversavam em clima de camaradagem, e pareciam combinar alguma coisa para o período da tarde. Quando nos aproximamos, ela logo cumprimentou minha companheira, a agente de saúde, com satisfação. Aceitou participar de minha pesquisa e sugeriu conversarmos dentro do bar, porque seria mais confortável para nós duas, melhor do que ficar em pé ali fora, além de permitir um pouco mais de privacidade para uma conversa sobre a vida.

De início, Luíza, disse ser de Belo Horizonte e ter muitas saudades de Minas. Mas que não poderia voltar para lá por que ficaria muito exposta e o trabalho era bem mais difícil do que aqui, já que a cidade é menor. E seria mais fácil encontrar um vizinho ou parente nas ruas de lá do que nas ruas daqui. Essa pretensa obscuridade da cidade grande está presente, como veremos, no estudo realizado por Engel (1986) e Soares (1992).

Luíza veio para o Rio aos vinte e um anos, pois estava receosa de ser descoberta pelos parentes e pensava em ganhar mais dinheiro aqui. Logo que chegou, há dezoito anos atrás, ficou na casa de uma tia, no subúrbio. Dizia para a família que tinha um emprego em escritório, como auxiliar de administração. Passava o dia inteiro na rua, durante o que seria seu horário de trabalho na “firma” e depois voltava para casa.

Atualmente, divide apartamento com uma amiga, no centro do Rio, e trabalha às vezes na Praça Tiradentes e outras no Campo de Santana. O trabalho na prostituição não é muito diferente num local ou no outro. Luíza já trabalhou também em Copacabana, como garota de programa em boates e diz:

“Engana-se quem pensa que a prostituição em Copacabana é melhor do que a daqui, é só uma ilusão. Às vezes você ganha mais, mas também gasta muito mais. É tudo ilusão. Você fica meio deslocada, não é vantagem nenhuma. Ainda tem uma coisa pior: a diferença é que as meninas de lá não se

assumem como prostitutas e aí, fica difícil de conversar e também tem o medo de uma 'puxar o tapete' da outra todo mundo(as garotas de Copacabana) têm o rei na barriga, uma ou outra ainda é legal, mas no geral é assim. ninguém quer saber de ninguém, e no final todo mundo é prostituta mesmo, tudo igual. Só muda o lugar”.

Gaspar (1988) faz referência à aversão das garotas de programa a serem comparadas com prostitutas de rua. O que se justificaria, segundo a autora, em virtude do desprezo pelas profissionais de rua, categoria de trabalho desvalorizada e de “baixo nível”, e pelas características do trabalho das garotas de programa, onde o sigilo, é parte fundamental do jogo de sedução. Muitas garotas “namoram” os fregueses durante o período do contrato, e circulam com eles em diversos lugares, sendo prejudicial para o negócio definir esse trabalho como prostituição.

A competição, as ameaças e as melhores condições de trabalho na rua podem ter levado Luíza a abandonar o trabalho na “prostituição de alto nível”. Assim, mesmo a perspectiva de uma remuneração melhor não justificaria a insatisfação no trabalho (Moraes, 1995), e indicaria que na escolha de trabalho os fatores subjetivos influenciam mais que os econômicos.

Para Wolf (1992), no mercado da prostituição a propaganda é uma prioridade. E já que a imagem da prostituta está carregada de negatividade, muda-se o *layout*, a fim de se atingir uma outra fatia do mercado. Se abrirmos os jornais, veremos anúncios em que, por exemplo, aparece o termo “acompanhante de executivo”, para designar garotas que se oferecem para ir a jantares, festas, bares, organização de recepções e eventos além de “dormir” no serviço.

Em sua narrativa, Luíza fez uma retrospectiva de sua vida e do que considera que aprendeu e da importância do convívio para o conhecimento das pessoas.

“Já passei por muitas coisas nessa vida... muita luta, muita batalha. Algumas coisas eu consegui, outras eu fiquei só na vontade que não tinha jeito. Gostaria muito de trazer meu filho para morar comigo, mas não tenho condições. Ele ficaria na rua e isso eu não quero, mando dinheiro pra Belô pra ajudar minha mãe a cuidar dele, vou visitar, ...brinco com ele, mas não é a mesma coisa, tem coisas da vida dele que eu perco, por que eu não tô lá todos os dias, não convivo...Ele tá com sete anos...tem coisas tão legais nessa fase...Puxa...(silêncio e muitos suspiros)... isso não tem como voltar no tempo, por que passa. Nessa fase cada dia é diferente...”

Quanto ao que faz uma mulher se tornar mulher, Luíza acredita estar o segredo no desafio, e no sofrimento e na solidão que este desafio implica. O outro não autoriza o crescimento da mulher, mas ela mesma, na relação com esse outro. Este exercício, ininterrupto, envolve toda a existência.

“É o sofrimento que faz a mulher crescer, a gente passa por tanta coisa que tem que aprender. Ser mulher é poder se olhar no espelho todo dia, se enfrentar, se encarar de frente e não ter vergonha da gente,...tem que ‘pagar pra ver’, sem ficar escondida. E não é escondida atrás de homem que eu falo não, é escondida da gente mesma. Tem que lutar todo dia com o espelho pra se conhecer e poder fazer alguma coisa... Senão fica perdida, mas é uma coisa difícil por que é uma luta de todo dia, não tem fim não, é todo dia com chuva ou com sol.”

Para Luíza, a vida é um sonho, uma invenção que o sujeito realiza e que o mantém em atividade. Sem esse sonho, a vida é insuportável.

“A vida é aquilo que você sonha pra você, o que você quer conseguir, o que quer fazer, é um sonho que você quer realizar, uma idéia... um sonho que você sonha pra você... Só que, às vezes, você não consegue realizar, você sonha mas não consegue ter.”

Luíza considera que todas as vidas se parecem mas refere-se à vida na prostituição como uma experiência diferenciada. A discussão de Rago (1991) se aproxima do discurso de Luíza, quando fala das duas faces da imagem da prostituta, o brilho e as opacidades.

Haveria um aspecto da prostituição, cobiçado pela idéia da liberdade feminina, das festas, dos bailes, do trânsito livre pela cidade e, sobretudo, do domínio da sexualidade. Em contrapartida, também a dimensão soturna, sombria, decadente, povoava o imaginário social. Segundo esta visão, longe do falso brilho, das “luzes da ribalta”, as prostitutas viveriam no submundo marginal e desbotado, sem cor, seriam vítimas de um destino decadente e de uma vida vazia.

Ora uma dessas visões, ora outra, ainda hoje, domina as opiniões, segundo o momento e o contexto. Mas essas ambiguidades ocorrem porque o trabalho na prostituição gera provocar uma inquietação que não se restringe ao preconceito. A prostituição indica o mistério da sexualidade, sugere que os papéis sexuais, definidos pela sociedade, não respondem pelo todo da sexualidade humana, que a moral e os bons costumes jamais vão capturar a dimensão do desejo humano.

Luíza possuía olhos grandes e um olhar triste, tomados naquele momento, pelas lembranças do filho ou, talvez, pelos sonhos que gostaria de realizar. Olha-me pensativa, com seus olhos castanho claros e sua pele morena, e dá novo suspiro. Fala então, das dificuldades do trabalho na prostituição e das fantasias da “vida fácil”:

“A vida aqui [na prostituição] pode parecer fácil e interessante. Chama a atenção, muita gente quer saber, acha bonito. Mas, eu vou dizer pra você a vida não é fácil, não. [E tem alguma vida que é mais fácil? pergunto] Toda vida é difícil mesmo mas, aqui? Você não faz idéia, essa vida eu não recomendo pra ninguém, e depois que você entra, não sai muito fácil, não, mesmo querendo é difícil.”

BÁRBARA

*“Nunca é tarde, nunca é demais
Onde estou, onde estás?
Meu amor, vem me buscar”
Chico Buarque*

Bárbara estava junto de Luíza e das outras mulheres, na porta do bar. Parecia animada com a conversa e se ofereceu para conversar comigo. E me avisou que se não estivesse na frente do bar, quando eu terminasse minha conversa com Luíza, estaria com algum freguês. Assim, eu poderia esperar um pouco, ou dar uma volta, e depois a gente se encontraria. Quando eu e Luíza saímos do bar, Bárbara havia saído para comprar cigarros e deixou recado de que voltaria logo.

Bárbara era bastante agitada e falava muito, comigo e com as outras mulheres. Loura, de cabelos longos, magra, com cerca de um metro e setenta de altura, usava um short jeans curto e uma blusa de lycra branca. Aparentava menos idade do que tem. Começou na prostituição com treze anos *“sendo bancada por um coroa”*.

Ao chegar, sugeriu que entrássemos novamente no bar onde eu estive com Luíza. Falou que não havia problemas porque o dono do bar era ‘sangue bom’. Perguntou se eu não me incomodava de andar por ali e eu disse que não. Ela sorriu e disse que isso era legal porque muita gente não gosta de passar, tem medo. Pergunto sobre o que eu deveria temer e ela responde que as pessoas não gostam de ser vistas por ali, pois, temem ser atacadas, ou confundidas com as mulheres.

Fala que já trabalha há dezoito anos. Chegou a ser auxiliar de escritório, fez também alguns “biscastes”. E nesse meio tempo conseguiu um homem que pagava as suas contas. Esse momento antecedeu sua ida para as ruas, pois sentia-se presa a uma pessoa que não lhe proporcionava os benefícios que ela desejava.

“Estou há três anos aqui nesta área, vim atrás de uma namorada que vivia comigo e que já trabalhava aqui há muito tempo. Nunca tinha vindo pra essas bandas até que minha namorada sumiu. Foi muito difícil para mim. Eu gostava muito dela, a gente se dava bem, se divertia, saía muito. Ai ela me trocou por outra, me largou por uma menina que não era da vida. Fiquei

louca, chorava, vinha procurá-la, implorava mesmo. Até hoje eu gosto dela, mas não vejo mais, ela saiu daqui. É melhor porque eu acabava brigando, não conseguia ficar longe[observo que Bárbara tem uma tatuagem com um rosto de mulher no braço direito, pergunto se é a antiga namorada e ela responde:] - É ela sim... [fica em silêncio por um longo tempo] Fiz isso quando agente estava junta, era pra sempre e aí... ela não quis mais... Se ela ainda me quisesse eu voltava, mas não adianta só eu querer, né? Aí, eu vim pra cá atrás dela e acabei gostando do ambiente e fiquei [e ela, pergunto] Ah, não tinha mais condição da gente trabalhar perto uma da outra, ficava muito ruim. Então ela saiu daqui e batalha em outro lugar ou parou, agora não sei mais, perdi o contato.”

“Tinha um coroa que me ‘bancou’ [dava dinheiro] por muitos anos, dava pra ganhar um dinheiro, mas era pouco, aí eu cansei. Achei melhor vir pra rua, que dava pra ganhar mais dinheiro sem tanto compromisso, assim tem menos chateação. Já trabalhei em Copacabana e na Mimosa [Vila] mas não gostei. [porque?] Aqui tem mais liberdade, pra circular, eu acho. Copa é um horror, não dá pra fazer amigos, confiar. Aqui eu tenho amigos, me sinto melhor. Não tem essa de querer fazer programas de outro lugar, você chega e se gosta do lugar e pode ficar não fica mudando toda hora, só se quiser. E você tem mais liberdade, a rua é melhor nesse sentido.”

Assim como Bárbara, muitas mulheres que trabalham como prostitutas escolhem, na sua vida particular, uma parceira do mesmo sexo. Esse fato aparece na pesquisa de Szterenfeld e Fonseca (1996), realizada no Rio de Janeiro e também tem raízes históricas, como nos relata Roberts (1998). Segundo esta última, eram comuns, entre as prostitutas da Grécia Antiga, festas e encontros com a participação apenas de mulheres. Para algumas, o objeto de amor era do mesmo sexo enquanto no trabalho os parceiros eram do sexo oposto.

Bárbara desmistifica a figura da pobre coitada que não consegue outros recursos para viver e, por isso, se prostitui. Para ela, se a mulher sabe organizar sua vida, pode ganhar muitas coisas e ter uma certa estabilidade. Ela não faz distinção entre a prostituição e outros trabalhos. Bárbara também fala da sua relação com a rua e do bem estar econômico que seu trabalho lhe proporcionou:

“Já trabalhei como doméstica mas não gostei, o trabalho fora da vida paga muito pouco, isso é ruim. Com a batalha[trabalho na prostituição] já comprei casa, móveis, roupas e só não tenho carro porque não sei dirigir ainda, mas tenho muitas coisas que eu queria antes e não podia ter. Não sou rica, mas tenho uma vida boa para mim e para minha filha. Ganha-se muito dinheiro aqui, mas é preciso ter cabeça porque da mesma forma que vem rápido, vai rápido. Como qualquer trabalho, se você gasta e não pensa no que faz, não adianta que vai estar sempre na pior.”

Ela mostra como sua vida mudou a partir do momento em que veio trabalhar na rua. Antes, passava pela praça com frequência, pois trabalhava em um escritório no centro. Nessa época, já frequentava as boates de Copacabana, mas achava um absurdo as mulheres trabalharem na praça. Achava que não era o

mesmo trabalho, o que ela fazia nas boates parecia ser mais requintado, diferente do que se fazia na rua.

“Eu também tinha preconceito com as mulheres daqui, passava e pensava logo: ‘Porque não vão trabalhar, lavar um tanque de roupa?’ Hoje eu tenho mais respeito pelas mulheres. Boa parte das pessoas que eu vejo aqui e que são minhas amigas hoje, eram as mulheres que eu tinha preconceito ontem.”

Bárbara não guarda boas lembranças da sua vida em família, tenta não repetir os mesmos erros com a filha, procura agir de modo diferente. Bárbara tem o desejo de ver a filha crescer feliz e, não usa o discurso de vítima da sorte. Ela pode dar a filha o que não teve, uma forma de se dar coisas através da menina. Isso não se limita ao terreno econômico, mas, se refere, sobretudo, ao terreno emocional. Freud (1915) alega que a economia libidinal organiza-se segundo diversos fatos, para satisfazer a pulsão.

“Tive uma vida muito difícil, minha mãe morreu eu era nova e meu pai casou outras vez com uma bruxa! Foi muito ruim para mim, era o tempo todo grito, reclamação até eu sair de casa com dezoito anos. Passei muita necessidade e sofrimento, não tinha as coisas e não tinha atenção. Hoje eu faço tudo diferente; tenho uma filha de cinco anos que é uma gracinha, a gente é amiga. Não quero que ela passe pelas coisas que eu passei na vida. Tive uma infância muito sofrida, mas vejo a minha filha brincando feliz. Por que eu posso dar as coisas pra ela e posso dar carinho que eu não tive.”

Com relação ao papel da mulher e à vida, Bárbara tem clareza de que viver tem seu preço. Qualquer um tem que dispende energia nos seus envolvimento, e ganhar ou perder com isso. Mas, acima de tudo, é preciso aprender com o que se vive e utilizar esses aprendizados de forma ativa:

“O que faz uma mulher ser mulher é o sofrimento, ter que aprender sozinha a se virar, a conseguir as coisas. Aqui ou lá fora [fora da prostituição] tem que saber se virar, não pode deixar as coisas cair do céu por que não cai mesmo. Eu já esperei muito milagre, coisas que eu sabia que não dava mas que eu achava que alguém podia me ajudar. Quebrei a cara, isso é fantasia, você só aprende se tentar várias vezes, errar e acertar e depois continuar tentando. Pra minha filha eu quero isso: que ela saiba lutar pelo que quer.”

A narrativa de Bárbara fez-me lembrar uma canção em que Chico Buarque dá um “*Bom Conselho*” sobre a melhor forma de se enfrentar os problemas da vida sem esperar que as coisas apareçam de uma hora para outra:

*“Ouça um bom conselho
Que eu lhe dou de graça*

*Inútil dormir
Que a dor não passa
Espere sentado
Ou você se cansa
Está provado:
Quem espera
Nunca alcança”*

A relação de Bárbara com o mundo está dividida em mundo da rua e mundo da “sociedade”. E a altera o comportamento de acordo com o lugar em que está e com quem está. Ela aceita essa divisão e tem uma certa preocupação de manter os mundos bem afastados e, principalmente, longe da filha. Para ela a sociedade ainda discrimina muito alguém que trabalha como ela:

“Não quero que a minha filha saiba onde eu trabalho, tenho essa preocupação em não deixar que nenhum vizinho ou parente saiba o que eu faço. Eu digo pros meus vizinhos que trabalho em um bar, mas não dou muita confiança pra não fazerem perguntas demais, não é bom pra mim nem pra minha filha. Vão ficar me apontando como eu mesma fazia antigamente. Quando estou trabalhando na rua é uma coisa, quando estou em sociedade é outra coisa totalmente diferente. Nem dou muito assunto...”

Bárbara mostra ser possível viver várias vidas dentro de uma mesma vida, construir vários personagens, viver pedaços de vida dentro e fora da prostituição, ter vários rótulos, e, mesmo assim, não comprometer sua identidade total. Quanto mais suportar essa ambigüidade, mais condições ela terá de enfrentar a vida, de desviar-se do que não lhe interessa e de construir um lugar de sujeito no mundo.

LÍGIA

*“E quando eu lhe telefonei, desliguei.
Foi engano, o seu nome não sei”
Chico Buarque*

Meu encontro com Lígia se deu de uma forma um pouco diferente. Enquanto minha informante almoçava, andei pela rua, a observar o movimento, o ir e vir das pessoas, o contato dos clientes com as profissionais, o entra e sai nas “lojas de 1,99”, da academia que funciona em uma das esquinas em frente ao Centro de Arte Hélio Oiticica, etc. E me decidi a estabelecer contato com uma das mulheres, sem auxílio da agente de saúde.

Logo nas primeiras palavras de “Bom dia” houve uma reação de agressividade por parte da mulher, que disse não querer saber de nada, nem responder nada a ninguém. Lígia, que estava do outro lado da rua, me chamou e quis saber o que eu perguntei para sua colega. Assim começou nossa conversa:

“Você perguntou sobre a vida pra ela? Não é uma boa idéia. Essa minha colega é muito “sem cabeça”, não pode falar da vida porque não suporta pensar nela. Tem gente que é assim, passa pela vida e não aprende nada. Uma coisa sobre a vida eu aprendi: Eu tenho cultura. Se você tem a sua cultura, eu também tenho a minha e isso ninguém tira de mim. Outra coisa, Prostituta é um rótulo. Um rótulo que me deram como tem tantos outros que eu carrego e como muitos que você também deve carregar na sua vida. O que eu não aceito é o desrespeito! Sou dona do meu destino; você pode ser o que for, só não pode tolerar a hipocrisia.”

Lígia diz ter quarenta e oito anos embora, sua aparência seja um pouco envelhecida. Ela tem muitas rugas, é franzina, miúda e fuma muito, seus dentes mal cuidados, são amarelados pela nicotina. Um lenço azul lhe prendia os cabelos lisos. Muito séria, falava com clareza e determinação.

Ao reconhecer a sua cultura como tão legítima como qualquer outra manifestação cultural, descarta a possibilidade de submissão pela via da marginalidade cultural. Esse fenômeno está presente no estudo de Montenegro (1994), de classes populares que se diferenciam não pela via da marginalidade, mas sim pela

resistência cultural, pela valorização de padrões de comportamento, histórias e rituais, lhes garantem sobreviver ao massacre do conhecimento de outras classes populares.

Lígia mostra-se muito objetiva e esclarecida. Sabe onde está e os papéis que representa na sociedade e na vida. Acredita que se você não consegue olhar à sua volta e pensar sobre a vida e sobre o que faz com a vida, você não é capaz de estabelecer direções, caminhos para seguir.

Para Moraes (1995), a definição da prostituição como profissão aumenta a participação das mulheres em movimentos sociais e de prevenção. Para ela, a visão do trabalho como referência a uma categoria profissional, fortalece a articulação de um movimento de profissionais do sexo.

O fugir ao estigma social (Goffman, 1988) permite que ela reconheça suas potencialidades, reverta o quadro de exclusão e marginalidade e enfrente o meio opressor.

Para Lígia, se alguém não consegue se reconhecer nas coisas que diz e faz, está perdido, sem rumo e pode ser explorado e se machucar. O destino é feito segundo a vontade dela, e permite a diversidade diante de cada situação. Neste sentido, Lígia se permite inventar o mundo e as coisas do mundo, mas não se obriga a aceitar o que lhe oferecem como verdadeiro.

A rua é o espaço para a invenção de um jeito de ser e para a construção do mundo, a partir da perda das ilusões. Para suportar a desmesura do mundo, é preciso inventá-lo segundo a visão do sujeito; perder-se nas ilusões, sem olhar em volta, acaba por afastar o sujeito do seu desejo.

“A sociedade é hipócrita e fala de sexo como se ele só acontecesse entre as putas, mas garanto que você também tira a roupa e se deita com homens do mesmo jeito. Pode não receber dinheiro por isso, mas se deita do mesmo jeito. E, de uma forma ou de outra, tudo tem um preço. O que a sociedade não suporta é o mundo real, quer viver de sonho. Aqui é o mundo real, se você quer se iludir você pode, mas se quer ser feliz tem que encarar a vida de frente, não adianta se esconder na hipocrisia.”

Do ponto de vista da sexualidade, Lígia nos fala que quanto mais fingimos que existe um lugar onde “as coisas do sexo” acontecem, e outro onde as pessoas vivem de forma digna e sem sexo, mais nos afastamos da construção de um lugar autêntico.

Esta incoerência acerca do universo das fantasias e da sexualidade humana está presente, muitas vezes, nos aconselhamentos, atendimentos e pesquisas no âmbito da prevenção. Em algumas orientações se considera que, a partir do momento em que alguém recebe uma informação sobre prevenção e saúde, de alguém “autorizado” a fazê-lo, as fantasias, os desejos, as contradições da pessoa perdem o valor. Assim, bem informado, o sujeito saberá prevenir-se de forma correta e segura, e evitar o risco de doenças. Mas, é

preciso não desconsiderar a capacidade do sujeito de inventar histórias para o seu desejo.

Não é a informação “politicamente correta” que leva a pessoa, por exemplo, a se convencer a usar um preservativo como forma de prevenção das DSTs/AIDS. Esta decisão passa por caminhos muito mais singulares do que os programas de saúde gostariam de considerar, caminhos decisivos na implementação de qualquer serviço.

A “vida normal”, nas palavras de Lígia, é uma vida delirante, em que se cristalizam os afetos, criam-se normas de conduta e de postura, às custas do embotamento dos afetos. Se o sujeito não se permite olhar em volta, para o que acontece com ele e para as relações que produz, como no caso de sua amiga que tem um cafetão, a vida perde a cor. A ritualística imposta aos dias transporta-se, com rudeza, para os afetos e a vivência cotidiana sem afeto é empobrecedora e cruel. Tocar, ser tocado, sentir, fazer, são experiências essenciais para o sujeito, sem as quais, aumenta a distância entre o sujeito e o seu desejo e, assim, o sofrimento.

A capacidade de conviver com as incoerências da vida é que leva a pessoa a fazer a sua história, a se inventar e a inventar o espaço ao seu redor, a permitir-se ser ela mesma, no convívio com as pessoas. Sua relação com os homens também é orientada pelo cuidado de si e pela capacidade de escolher o que é melhor, através da observação do cotidiano e da vivência. Lígia volta a falar na colega que não quis conversar comigo:

“Essa minha colega mesmo, é muito perdida; tem cinco filhos mora de aluguel num quartinho horrível e sujo. Falo com ela, dou conselho, digo pra juntar dinheiro mas ela não tem cabeça, tem cafetão. Se um homem ao invés de olhar pro seu cabelo que é tão bonito, olha pra sua bolsa, não pode ser bom pra você. Se ao invés de dizer que você está cheirosa, quer saber quantos programas você fez, não quer te ajudar, não quer nada de bom pra você”.

“Aqui você pode se envolver com tudo o que você quiser, do jeito que você quiser, por isso eu gosto daqui. Você pode ser qualquer coisa, mas tem que saber o que quer. Pode se meter com cafetão, com droga, com briga, com polícia, mas se não quiser, é só não se aproximar. As coisas acontecem e você fica de longe olhando. Eu não me meto em confusão, do que eu não gosto, eu me afasto. Você pode olhar pra mim[abre os braços e passa as mãos no rosto], trabalho há dezoito anos e não tenho um corte, minha pele é lisinha...Não fui cortada por que não me meto onde não me agrada”.

Na concepção de Lígia, a mulher que procura um cafetão para tentar fugir da realidade, desautoriza a si mesma de dar conta da vida. Sem uma definição do que é importante para o sujeito, sem clareza do seu lugar (Valadares, 1994) o sujeito não inventa, apenas reproduz, de forma pouco criativa.

Quanto mais perdido de si mesmo, mais o sujeito precisa submeter-se aos desafetos.

Para confirmar seu pensamento, ela fala que a presença de um homem desatento, que só está preocupado com o dinheiro, não pode fazer ninguém feliz. Mas que se a pessoa não se estima, não vai perceber isso, ou não vai suportar a separação daquilo que lhe faz mal. Essas palavras encontram eco nas considerações de Freud (1924), para quem a economia libidinal está para além da relação de benefício para o sujeito.

Outro ponto importante diz respeito a apropriação do espaço da rua para a construção da identidade. Na rua Lígia acredita que pode ser aquilo que quiser inventar, pode apropriar-se do espaço para seu prazer ou para sua dor (Benko, 1994; Castro, 1993; Engel, 1996; Ribeiro e Mattos, 1996). A rua permite qualquer invenção, desde que o sujeito saiba do seu desejo. Se a vida são as marcas de uma história que se faz no corpo, Lígia não permitiu ter seu corpo marcado para além do universo simbólico. Sua história são as suas marcas, não foi preciso criar também marcas concretas. Para viver a vida de forma plena é preciso aprender no dia a dia, inventar um jeito de ser feliz:

“Você precisa aprender com a vida, com os erros, tem gente que não aprende, passa a vida fazendo as mesmas coisas, repetindo os mesmos erros e sendo infeliz. Eu sou feliz, levo uma vida boa, tenho um filho de oito anos que é um anjinho e que me faz muito feliz...[fica um bom tempo pensativa] É engraçado, tenho dois filhos: um de vinte e nove e outro de vinte e cinco e criei mais um, mas nenhum foi tão meu amigo quanto esse pequeno que eu nem esperava mais. Os outros só queriam saber do dinheiro que eu trazia, do que eu podia dar para eles.”

“Tive três casamentos. Três casamentos fracassados, mas não me permiti ficar definhando dentro de uma história que me fazia infeliz. Tem muita gente aqui que fica. E lá fora também, mas eu não admito. Sexo não é tudo, tem que ser companheiro, tá junto. Sexo a gente tem com qualquer um, com dois, com três, com cinco, todo dia.”

Quanto à relação com o outro e a ser mulher, Lígia não faz uma separação dos temas. Para ela, ser mulher pode também ser um rótulo, e ela acredita em construir uma vida com dignidade com o trabalho, seja ele qual for e que o primordial é a humildade, o convívio:

“Tem muita gente aqui que tem bar, carro, casa própria, come do bom e do melhor todo dia. Eu mesma, moro de frente pro mar, vejo a praia, respiro ar puro da minha janela... Mas, tem gente lá fora que não tem o que comer mas tem pose, mora num cubículo apertado e se faz de muito importante.”

“As pessoas têm que ter humildade na vida pra conviver com o outro. O importante é a convivência, o dia-a-dia é que faz você ser gente. Se você não

tem humildade pra ver o outro, você não é nada. É só pose. Tem muita gente aí fora, e no seu meio também deve ter, que só tem pose mas não sabe de nada, não convive; passa fome mas quer dizer que vive bem. Garanto que você conhece gente que não sabe o que quer da vida mas se acha muito importante. Tem gente que é paranóico, neurótico com a imagem, com o que os outros vão pensar dele, o que vão dizer se fizer isso ou aquilo e acaba não conseguindo ser feliz.”

Nesse ponto, Lígia apresenta algumas vantagens do trabalho na prostituição sobre o de camelô.

“Eu já trabalhei lá fora como camelô. É muita humilhação que a gente passa. Tem os ladrões fardados[a polícia], tem o pessoal que passa e te olha com nojo e que não compra nada. É você mendigando, se humilhando pra que comprem alguma coisa e nada! Uma vez, perdi a paciência com uma mulher que ficou pegando a minha mercadoria com nojo, com cara de que não podia estar ali, e eu falei logo:

‘Se quer comprar, compre. Senão, dá o fora, não sou obrigada a trabalhar nesse sol e ainda olhar sua cara feia!’ Falei mesmo! Ninguém pode ser humilhado por fazer o que for, tem que ter respeito. Eu vivi dois anos com um coroa muito legal que morreu há dois anos. Eu cheguei a sair da rua mas não desrespeitei quem ficou. Quando voltei, tinha convivência, tinha amigos aqui.

“Você pode falar o que acha de qualquer pessoa, sem ofender. Aqui, camelô não apanha porque a gente não deixa. Teve uma época que a polícia estava perseguindo eles nessa área e a gente não deixava; falava, brigava mesmo... Acho que todo mundo tem que ser respeitado como ser humano, se tem que ter rótulo é de ser humano, cada um do seu jeito, mas todo mundo igual porqu nasce, come, trepa e morre do mesmo jeito. Nisso não tem diferença.”

CAROLINA

*“...os seus olhos fundoss,
guardam tanta dor.
A dor de todo este mundo”.*
Chico Buarque

Carolina parecia bastante desanimada, parada na lateral da academia de ginástica. Tinha os ombros caídos, estava cabisbaixa e pensativa. Poderia ser confundida com qualquer transeunte do local. Usava calça jeans e blusa azul clara, trazia a bolsa bem segura na frente do corpo, e protegida pelo braço. Era uma senhora de cabelos curtos pintados de preto, olhos verdes, estatura mediana, muito branca e um pouco acima do peso e aparentava uns cinquenta anos.

Inicialmente, achei que ela não queria nenhum tipo de aproximação, mas acabou aceitando a minha presença. Falou que aceitou conversar mas achava que não poderia falar muito da vida, que poderia tentar mas não tinha certeza de ser isso o que eu queria.

Diz que trabalha há trinta anos na área da Tiradentes, que já trabalhou em outros lugares mas não gostou do ambiente, diz que ali ninguém perturba seu sossego. Outro fator a contribuir para a escolha do local foi a área ser menos freqüentada do que a Central (Estação Ferroviária Central do Brasil). Na Central, a probabilidade de algum vizinho ou parente encontrá-la é maior, por que o número de pessoas a circularem é muito grande e seus conhecidos andam muito de trem. Assim, Carolina aproveita o espaço da Tiradentes para camuflar sua identidade e defender a família, como o fazem muitas outras profissionais do sexo (Engel, 1996; Szterenfeld e Fonseca, 1996).

“Na minha casa ninguém sabe, tenho dois filhos e eles não sabem. Combino com uma colega e ela liga pra minha casa pra saber de mim, diz que é minha patroa... da casa onde eu trabalho. É muito diferente estar aqui e na sociedade. Eu mudo: não brinco muito, fico mais séria, sou dona de casa, rainha do lar. Tenho que impor respeito pros meus filhos, pros vizinhos...”

A seguir fala da sua entrada na prostituição e de como sua visão do trabalho mudou, com o tempo:

“Eu engravidei com dezesseis anos e mãe não me quis mais em casa, ninguém me quis. Aí, eu fui morar com uma prostituta que me falou da vida e da zona e disse: ‘Você quer mesmo saber o que eu faço? Eu tô na zona, é assim que eu ganho a vida, que eu me sustento e você pode fazer o mesmo também’. Aí, eu vim. Nas primeiras vezes achei horrível, um absurdo ficar ali parada esperando homem. Depois, me acostumei e achei até bom, tenho liberdade pra fazer o que eu quero, não tenho patrão”.

Mesmo essa liberdade que a cidade oferece não satisfaz suas necessidades. O Centro de Arte Hélio Oiticica parece ter ameaçado a sua privacidade. Carolina, sente-se mais exposta aos riscos de reconhecimento e ao olhar dos estranhos, o que a incomoda muito. Sente nostalgia dos tempos remotos, lembra-se do Rio de trinta anos atrás:

“A cidade mudou muito nesses anos, a cidade cresceu muito. Antigamente era melhor, com menos barulho, sem tanta gente...agora com essa galeria funcionando (Centro de Artes Hélio Oiticica), vem muita família pra cá, pode vir gente conhecida, que reconhece a gente. Aí, fica difícil”.

Para solucionar o problema do anonimato, sugere sejam colocadas roletas na porta dos hotéis. Os homens entrariam, sem haver necessidade da mulher negociar no meio da rua. Ao mesmo tempo que sairia das ruas, ela poderia resolver seu problema de forma passiva, não precisaria investir em uma conquista, ou enfrentar a concorrência, poderia apenas esperar o homem ir até ela.

Carolina mostra-se incomodada com a necessidade de negociação que o contrato entre prostituta e cliente impõe. Com uma roleta na porta do hotel, ela não precisaria participar de qualquer envolvimento com o homem, ela ficaria apenas à espera do que pudesse ser oferecido.

“Devia haver uma roleta na porta do hotel que obrigasse os homens a pagar e não só ficar olhando, escolhendo quem quiser. Se tivesse a roleta eles pagavam na entrada e tinham que ir com quem tivesse lá, sem ficar escolhendo. E a gente não ficava tão exposta, tão à vista pras famílias verem”.

Sobre a vida e o viver sente-se pouco habilitada para falar, mas considera existirem diferenças fundamentais entre homens e mulheres que tornam fazer a vida mulher ser mais difícil:

“Não sei dizer o que é viver a vida, mas sei que é difícil. Mais difícil pra mulher do que pro homem. [pergunto o porquê da diferença] Para o homem é

mais fácil, é só trabalhar, trazer dinheiro pra casa, ver os filhos crescer... porque sabe que eles vão sendo cuidados. Para a mulher, além de parir, tem que alimentar, cuidar, pensar em como os filhos vão crescer, se vão ficar bem... Homem não, homem é mais largado.”

Carolina possui uma imagem de mulher presa ao universo doméstico, e uma, do homem, como alguém sem tantas responsabilidades. Como suas companheiras, acredita que o tornar-se mulher tem relação direta com o sofrimento, a diferença entre elas e as outras residiria na passividade e na postura de submissão das mulheres domésticas. Após nossa conversa, a imagem do olhar vago e da postura tristonha fez com que eu me lembra-se da música Carolina, que acabou o nome que escolhi para ela.

Para Kehl (1996), a identificação com o lugar de dona de casa, para algumas mulheres, faz com que estas, no plano social, se mostrem reticentes, e cheguem a duvidar de sua capacidade de organização e do seu poder de articulação política e social.

Ao mesmo tempo que essas definições parecem claras, Carolina acredita que a mulher só existe na relação com o outro, sua identidade vai depender do homem com quem ela esteja. Essa idéia de relação não se restringe ao feminino mas é a condição fundamental da existência humana. A mulher só existe graças ao homem, mas o contrário também é verdade (Leader, 1998). Sem essa interação das “mínimas diferenças” (Kehl, 1996), não seria possível a invenção do masculino e do feminino. Essa sabedoria faz parte do processo de desenvolvimento humano já desde bem cedo, como uma relação inicial do homem e da mulher com o mundo (Freud, 1920). Essa relação inicial vai fazer com que o sujeito possa orientar sua vida a partir de uma técnica única, que não pode servir de fórmula para outra pessoa como garantia de felicidade.

“Cada um tem um jeito de fazer a vida e esse jeito faz com que um seja feliz e o outro não, mesmo tendo a mesma condição. Uma mulher se torna mulher de acordo com o homem que está com ela. Tem que ter um “bom” homem do lado [faz um gesto como se quisesse dizer um homem com quem tivesse sexo bom], um homem que satisfaça. Mesmo as meninas muito pequenas sabem disso.”

5. SOBRE A VIDA E O VIVER: SUJEITO, ESPAÇO E AFETOS

A vida escapa às armadilhas de nossos métodos.

Por mais teorias que possamos produzir sobre o viver, ainda assim somos surpreendidos a cada instante por eventos que fogem à nossa capacidade de imaginação e de controle. E vida é precisamente isso, é surpresa! A todo momento a vida nos mostra uma diversidade de linhas e nunca realizamos nossa edição final.

“Não existe meio de verificar qual é a boa decisão, por que não existe termo de comparação. Como se um ator entrasse em cena sem nunca ter ensaiado. Mas o que pode valer a vida, se o primeiro ensaio da vida já é a própria vida? É isso o que faz com que a vida pareça sempre um esboço. No entanto, mesmo “esboço” não é a palavra certa, porque um esboço é sempre um projeto de alguma coisa, a preparação de um quadro, ao passo que o esboço que é a nossa vida não é o esboço de nada, é um esboço sem quadro.”

Milan Kundera, em *“A Insustentável Leveza do Ser”*, apresenta a dimensão da incompletude humana do ponto de vista da literatura. Nela, o personagem se dilacera em dúvidas sobre qual a melhor forma de conduzir sua vida, comparando-a com o esboço de um quadro que nunca se completa com precisão. Para ele, a vida não tem uma linearidade que nos permita definir, de antemão, suas ações e limites. Essa imagem que não se cristaliza provoca desconforto, pelo risco do despedaçamento, mas permite, também, a construção de um caminho original na invenção da vida.

O sujeito escapa às formulações, seu mundo interno não é regido pelo tempo e a lógica do mundo externo (Freud, 1910). As leis que lhe orientam a vida, são as leis do inconsciente, e essas leis permitem entender os princípios da dissociação psíquica. O jogo de forças entre as pulsões do eu e as pulsões sexuais regem a vida dos sujeitos. As pulsões (Freud, 1915) representariam o movimento, através de um impulso que impede que o sujeito se paralise.

Esse movimento permite a construção de uma história para o sujeito. De acordo com o momento, e com a tensão entre as forças pulsionais, altera-se também a forma do sujeito relacionar-se com o mundo e as coisas do mundo. Nenhuma regra garante o sucesso indiscriminado das ações na invenção da vida.

Para Freud (1930), a felicidade é condição subjetiva, individual, na medida em que o homem é

capaz de suportar os maiores sofrimentos em nome de seus desejos. As raízes do “*Mal Estar na Civilização*” estariam justamente na dificuldade do sujeito buscar prazer, quando os antagonismos entre as exigências pulsionais e as restrições da cultura são cada vez maiores.

Da mesma forma que a cultura define proibições, mas não permite questionamentos de suas incoerências, cada sujeito vai descobrir o caminho e os acordos que precisa fazer entre seus desejos e as leis que lhe são impostas. Quanto mais distante do seu desejo, mais distante do lugar de sujeito (Valadares, 1994).

É importante notar que toda a reflexão de Freud tem origem no corpo. A relação do homem com o corpo, seus descaminhos e seus movimentos, tem base na teoria das pulsões (Freud, 1929) segundo a qual os fenômenos psíquicos estão baseados no orgânico, mas não se constituem como fenômenos orgânicos. As pulsões promoveriam uma tensão constante, um jogo de forças, intenso, entre mundo interno e externo, entre as exigências do eu e as reivindicações do social. Esta tensão viabilizaria a aventura do homem no mundo. Se é assim, por que a busca pelo prazer seria projeto para alguns e não para outros? O que iria garantir a legitimidade de algumas buscas e o desmerecimento de outras?

Nesse sentido, as trabalhadoras do sexo, “fazem vida” na medida em que constróem, com seus corpos, através de trocas simbólicas, um espaço; uma situação no mundo (Valadares, 1994). Para Valadares, a vida não se enquadra na ciência, o sujeito não é construção de um espaço anterior a ele; para existir é preciso habitar e nesse habitar o sujeito inventa o mundo, as coisas do mundo e a si próprio.

E, da mesma forma que não há corpo sem sujeito, não há sujeito sem território, fora de um espaço onde as ações humanas se situam. O território apresenta-se como potência, como construção de um espaço possível de atuação, de invenção e manutenção deste território e não só como determinação de controle do espaço. Nas palavras de Valadares:

“Sabemos que o outro está aí, na própria pulsação do mundo, manifesta no que se pode perceber da vitalidade do sujeito. Resta ser descoberto. Essa descoberta somente se dá a partir de um encadeamento de fatos, de imagens em formações, que, a um só tempo, falem de uma presença, um lugar que se reconheça no espaço ambiente”(1994).

A prostituição feminina pode ser entendida, segundo esta perspectiva da ação humana; como uma forma de invenção de sujeitos a manterem uma relação ativa e afetiva com o espaço. Esta relação remete ao domínio simbólico e geográfico, e mostra que existir é estar presente no mundo e, nessa presença, criá-lo e ser criado pelo mundo.

Todo trabalho tem ligação com uma certa técnica e toda técnica é uma dimensão da vida. Na relação do corpo com o espaço há um trabalho de criação, e é impossível pensar um sem o outro. É a presença corpórea que permite a construção de um espaço, como é na relação com o meio que o corpo se molda. Assim, é a presença que viabiliza os ensaios do sujeito na construção da vida e da sua técnica particular de fazer vida.

Para Ortega y Gasset (1939), o conjunto das ações humanas está diretamente ligado ao âmbito da técnica. Caracterizaria o humano a capacidade de invenção de uma técnica de viver de acordo os desejos de cada sujeito, não havendo uma técnica pre-concebida, pronta para ser usada por qualquer um. A técnica seria parte de um projeto maior de vida, a envolver não só a realização de uma tarefa, mas a concretização de um desejo de existência que transcende os objetivos que a simples utilização de uma técnica contem. A vida seria um programa imaginário (1939), que o sujeito não pode furtar-se a executar.

A técnica é, em um sentido amplo, a forma que o sujeito encontra para ser aquilo a que se propõe ser neste programa imaginário, fruto de seus encontros e desencontros na sua relação com o mundo. O homem é o único animal capaz de transformar a natureza segundo aspirações que, algumas vezes, são contrárias às suas próprias necessidades de sobrevivência. Ainda em concordância com Ortega y Gasset:

“A vida humana, pois, transcende a realidade natural, não lhe é dada como é dada à pedra cair e ao animal o repertório rígido de seus atos orgânicos – comer, fugir, nidificar, etc. – Senão que o homem a faz, e este fazer a própria vida começa por ser a invenção dela.”

Assim, cada pessoa vai definir para si qual é a sua técnica de viver, qual o seu caminho e a sua necessidade, por mais destoante que possa parecer-nos. Não por que exista uma construção natural deste viver, mas porque sua técnica é o seu viver, é um artifício deste viver e da história que lhe permite viver. A técnica é construção e instrumento de construção de caminhos possíveis para existir, está implicada com a história de cada sujeito. O caminho vai sendo definido no desenrolar da vida do sujeito e dentro do que ele se propõe viver, não há sentido na técnica em si mesma sem um projeto coerente com este viver. O homem não deseja por desejar, mas em consonância com as metas que lhe permitem ser e sem as quais ele não existiria. Sem um projeto, o homem cai no vazio da existência. E, assim, vale-se da técnica para inventar a vida em sua plenitude, cercado de dificuldades e facilidades, que são também instrumento na construção de sua técnica, de seu existir (Ortega y Gasset, 1939).

Heidegger (1990), ao fazer “*A Pergunta Pela Técnica*”, julga ser o “fazer a vida” uma técnica do

homem tanto quanto qualquer outra invenção. A técnica, para Heidegger, seria um truque para tornar a vida possível, não sendo útil quando a usamos com rigidez e sem crítica. É um fazer que não se realiza apenas pelos objetivos aos quais se propõe mas, porque o destino do homem é a cumplicidade com esse fazer, que se materializa como presença.

Para o autor, a técnica implica o sujeito no seu viver, mas não o cristaliza. O homem é provocado e nesta provocação (1990) é chamado a prosseguir. Seguir o fluxo desse viver é, já aí, o curso da vida possível, única forma de existir. Mas onde há risco, há dúvida, há a surpresa do homem com esse cursar. É no risco que encontramos a salvação.

Podemos pensar, a partir destes autores, não ser a prostituição uma escolha neutra mas, para cada mulher, também uma expressão de uma técnica peculiar de viver, e de interagir com a cidade. Técnica que implica o corpo e a técnica de uso do corpo, a configurar uma presença única e plural, mas sempre uma presença.

A vida constroe-se em famílias, que existem. Vivemos em cidades, bairros, ruas, casas, quartos... espaços que são construídos, e constroem subjetividades. Ninguém se faz sozinho, gestos e rostos inventam o sujeito e sua história. Narrativas de sabores e dissabores compõem uma vida, de forma única e tragicamente só. Uma solidão feita de amargura pelo desencontro com o outro mas, também como desapego deste outro, condição para formação de uma identidade de si mesmo. Da vivência desta solidão surge um sujeito - controverso, obtuso, contraditório - mas, acima de tudo, um sujeito possível.

5.1 Prostituição e Espaço Urbano

São frequentes as alusões às cidades como metáfora da mulher adúltera e prostituída. Oséias é convocado a desposar uma esposa adúltera e assumir seus filhos “*porque a nação procedeu mal para com o Senhor*” (Oséias 1:2). A nação da qual fala o Senhor é a nação de Israel, tentada pelos deuses pagãos. Os chefes espirituais de Israel também são culpados pela devassidão da cidade e de seu povo. Assim, como castigo maior a Israel e seus líderes, recai sobre eles a ameaça de Deus de não punir as filhas prostitutas e as esposas adúlteras (Oséias 4:1-14).

Jerusalém também é tomada como prostituta por cair na tentação dos estrangeiros, e construir ídolos para adoração dos deuses dos estrangeiros:

“Como é frouxo teu coração - oráculo de Javé - para teres tido ali o

comportamento de uma prostituta, por teres construído um montículo em todas as encruzilhadas, e um lugar alto à entrada de todas as ruas, sem mesmo procurar um salário de meretriz. Tens sido mulher adúltera que acolhe os estranhos em lugar do esposo. A todas as prostitutas se dão presentes, mas tu fizeste brindes a todos os teus amantes, procedeste com largueza para que todos os lados viessem prostituir-se contigo. Tens sido o avesso das outras mulheres em tuas depravações: não te procuravam; eras tu que pagavas ao invés de receber, fazendo tudo ao contrário do que fazem as outras.”(Ezequiel 16:30-34)

Vemos, nesta citação, os sinais pelos quais se reconheceria uma prostituta na Bíblia, sinais atribuídos a uma “cidade-prostituta”. Jerusalém não só é definida pelos seus atos, como é criticada, por Javé (Jeová), por não saber comportar-se, como meretriz, tornando-se ainda mais indigna aos olhos de Deus. Ela dava, de graça, o que as prostitutas cobravam para oferecer, bem como saía a procura de seus amantes, quando uma verdadeira meretriz, na visão de Deus, esperaria nas encruzilhadas por seus fregueses e receberia por isto. Nesse trecho, parece que Jeová atribui mais qualidades a uma prostituta profissional do que a Jerusalém. Outro ponto importante é a cidade também ser acusada por suas tentativas de “contaminação” das outras cidades em sua vizinhança.

É interessante a regularidade de relatos em que se relaciona a prostituição à constituição e ao crescimento das cidades. A chegada dos estrangeiros, as trocas culturais e políticas com os mesmos, transformam o espaço nos textos do Antigo Testamento. Tanto nas encruzilhadas dos caminhos, quanto na vivência cotidiana, a prostituição assume a figura do estrangeiro, a perverter os costumes da tribo de Israel.

Em Juízes (2:3) como castigo pela devassidão, Deus condena o Povo Escolhido a viver entre os cananeus, ao invés de livrá-lo da tentação, como forma de o manter em constante vigília. Assim, é no convívio que encontramos o maior risco para a humanidade, e também a única possibilidade de salvação, como já vimos.

Talvez essas passagens revelem uma preocupação de Deus com a disseminação da depravação e da desobediência pelas cidades de Israel. Mas também podem estimular uma reflexão sobre as ameaças e a necessidade de separação da “boa moça” e da “moça má”, citadas no início deste capítulo, e ainda tão comum em nossos dias. E revelam, também, a importância que a Bíblia confere à invasão de Israel pelos estrangeiros.

Na chamada prostituição feminina de rua (Ribeiro e Mattos, 1996) existe uma relação constante entre as mulheres e clientes, vizinhança, comércio, transeuntes, etc. Este contato mais amplo com o espaço é fundamental para refletirmos sobre o espaço da cidade em sua diversidade, tanto de pessoas quanto de histórias, sobre um espaço específico, concreto, histórico, político e cultural.

A atividade das mulheres de rua é essencialmente urbana para alguns autores (Rago, 1991 e 1996; Engel, 1986; Roberts, 1998) Estes autores consideram fundamental a relação entre capital, circulação de pessoas e prostituição. Para eles, as cidades favorecem tanto o anonimato quanto os encontros, e diversas formas de atuação e de controle.

Engel (1986) nos mostra que o lidar com a prostituição no Rio de Janeiro, no período de 1845 a 1890, incluía fatores políticos, ideológicos e culturais. A maneira de se ver às prostitutas envolvia não só o ideário feminino da época, a dicotomia entre as “boas moças e as outras”, como também produzia uma série de normas de legislações que procuravam controlar a prostituição.

Fosse do ponto de vista da regulamentação, fosse pela tentativa de extermínio do comércio prostitucional, as duas perspectivas acima se sustentavam em um ideal de modernização da cidade, cidade a crescer desordenadamente em virtude do número cada vez maior de escravos libertos e fugitivos e da chegada de imigrantes. Este processo é acompanhado por uma preocupação crescente com a higienização, cuja ausência compreendia os planos arquitetônico, moral, higiênico, social, todos herança de um período colonial, tido como ultrapassado.

Soares (1992) ao estudar em arquivos médicos e policiais da segunda metade do século XIX, no Rio de Janeiro, concluiu que, independentemente do motivo a levar as mulheres a prostituição, era decisivo o crescimento da cidade, a ampliação de seus limites, inclusive para antigas zonas de mangue antes desvalorizadas. Essas mudanças no espaço urbano provocavam, também, mudanças no comportamento dos homens e mulheres a viverem nos centros urbanos.

Segundo os autores, a reorganização e a modernização do espaço urbano envolviam um processo de mudança ideológica e cultural, no qual a necessidade de controle da prostituição era apenas mais um fator. E, para sustentar este ideário, a atitude mais conveniente seria a intervenção, muito mais do que sobre os corpos, sobre os discursos, e sobre as práticas relacionadas aos discursos. Nesse contexto, o discurso médico seria um importante aliado pois, através do médico, a prostituição passaria a ser tratada como doença. E, em um espaço que tem a higienização como meta, deveria ser controlada, e aniquilada.

O embate entre médicos e prostitutas culminou na segregação da atividade de prostituição a algumas áreas do centro do Rio de Janeiro. E pode ser entendidos, como a vitória do discurso médico - o isolamento da “doença” - e, como a apropriação, pelas prostitutas, de um espaço, que elas passavam a dominar.

Via-se a cidade como lugar de perdições, já que em seu processo de degeneração arrastaria consigo o sujeito e o desvirtuaria dos caminhos “do bem”. A cidade era, também, local de escravos fugitivos

e criminosos, a transitar, misturados à efervescência da cidade sem chamar qualquer atenção.

Rago (1991), estudou a prostituição na cidade de São Paulo, no período de 1890 e 1930. São Paulo aparece como uma cidade em franco desenvolvimento, e a prostituição como um fenômeno urbano de uma sociedade baseada em um sistema de trocas.

Neste contexto, a figura da prostituta seria, segundo os registros do início do século, uma imagem da modernidade. Pois mostrava que as mudanças sociais no espaço urbano interferiam também nos papéis atribuídos às mulheres, até então, enclausuradas no universo doméstico. Essa revolução no espaço permitia tanto a valorização da prostituta, como representante das noites e das festas em bares e cafés, como uma leitura da degeneração feminina.

Para Benko (1994), a ebulição da cidade favoreceria a criação de não-lugares, em oposição a lugares, com vantagens e desvantagens para o sujeito. A possibilidade de habitar um lugar é a promessa de construção de uma história para o sujeito. Ao mesmo tempo, este lugar pode não proporcionar prazer, pois carrega consigo uma carga muito grande de sentimentos, torna a existência dura demais e impede o sujeito de ser segundo o seu desejo.

Em contrapartida, a existência de não-lugares, representados por espaços de circulação - como rodoviárias, aeroportos, lanchonetes, clubes, hotéis - comuns em todas as cidades, traria a ameaça de um não-lugar sem sentido ou história. O não-lugar é um risco de aniquilamento para o sujeito visto que, o estatuto de sujeito implica a definição de lugares, de nomes, de histórias que limitam caminhos. Mas, por outro lado, a existência desses não-lugares ofereceria a oportunidade de cada pessoa criar segundo seus próprios desejos, a partir de espaços menos comprometidos de afetos, libertos da carga afetiva que transborda e limita a singularidade do sujeito.

A cidade seria um lugar de perdições e de fuga, a impor à pessoa o risco de um não-sentido, de se perder. Ou, ao contrário, de, ao deparar-se com o lugar nenhum, criar um lugar para ser e povoá-lo de afetos.

Ao fazerem um mapeamento das áreas de prostituição na cidade do Rio de Janeiro, Ribeiro e Mattos (1996) mostram como os afetos interferem na dimensão do espaço e resistir ao tempo e às mudanças de contexto. Os pontos que, no Rio antigo, constituíam locais de circulação de capital e pessoas, e eram considerados de grande importância para a economia da cidade, atualmente são pontos de prostituição. Como por exemplo: as Ruas Mem de Sá, Frei Caneca, Praça Tiradentes, Passeio Público, Central do Brasil e Praça Mauá. Os profissionais do sexo (mulheres, homens e travestis) detêm um poder e uma autonomia sobre o espaço e constituem uma territorialidade própria, territorialidade cujos códigos delegam poder a seus ocupantes e permitem o controle de presenças, e de ausências, nestes trechos da cidade.

Muito mais do que um espaço de atuação profissional, constituir uma territorialidade é uma forma de falar da vida, de transgredir, de negociar e inventar novas regras. O controle de presenças e ausências é um exercício de invenção de limites mais coerentes com o sujeito. Só pela identificação de margens para o viver, pela diferenciação do que você é e do que é o outro, o sujeito pode definir rumos mais confortáveis para sua existência. A possibilidade de transitar, fazer consiliações entre o desejo e a cultura, experimentar, alternar presenças, ausências, sins e nãoos, permite a invenção de uma vida mais feliz; seja na prostituição ou fora dela.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A conclusão de um trabalho deixa sempre a sensação de alívio, seguida de algum desconforto. De um lado, está a satisfação de ter realizado uma etapa importante, do outro o desconforto por não ter dito “tudo” da melhor forma, por ter deixado esquecido algo importante. Ao chegar às linhas finais deste trabalho, essa sensação novamente toma conta de mim. Faria tudo diferente, diagramação, capítulos, agradecimentos..., faria, enfim um outro trabalho, talvez muito pouco parecido com este.

“Sou antes de tudo uma exaltada, com alma violenta, atormentada, uma alma que não se sente bem onde está, que sente saudades... sei lá de quê!” Lembro dos versos de Florbela Espanca e penso nas inquietações que a vida me provoca. A situação social no Brasil, as mazelas do mundo, a violência, a fome, a miséria, o desemprego, os desmandos dos governantes, o silêncio das organizações frente ao massacre do futuro do homem e das formas de vida, uma devastação sem precedentes do meio ambiente, em nome de um progresso que não sabe para onde vai, mas precisa chegar na frente.

Junto com estas, outras inquietações, mais subjetivas, falam do meu modo de sentir a vida, de saboreá-la e, às vezes, desperdiçá-la em meio as tormentas de qual o melhor caminho seguir. Florbela, com sua alma exaltada, fala ao meu coração e dá as pistas para o entendimento do mistério do humano. Lugar algum concretiza a sensação de paz e conformidade, a plenitude faz-se de instantes, são apenas momentos, fluídos, passageiros e, nesta fluidez, reside sua magia.

Este sentimento não é exclusividade minha, mas é o modo peculiar do ser humano externar sua incompletude, seu desejo insaciável de construir a vida. Vida que não se deixa capturar em um projeto formal, mas delinea-se nas turbulências do cotidiano, segundo a história de cada sujeito. Não há um modo correto e preciso de viver a vida, a vida é, irremediavelmente, experimental. E a experiência já é em si a vida, como uma estréia sem roteiro. *“A vida não tem replay, há muito que eu sei...”* A canção *“Cavaleiro Solitário”* de Gonzaguinha fala desta experiência única que é a vida, constante surpresa.

A experiência de sentir *“saudades... sei lá de quê!”* tema das religiões através das quais o homem busca reencontrar o paraíso perdido, é descrita por Freud como a experiência primeira de satisfação para a qual não há retorno, mas que estamos sempre buscando reviver. Nossos posicionamentos respondem a esta

procura, sem que nisto implique uma doença.

Mas, mesmo sendo inédita, a vida pode ser repetitiva e sem cor, segundo a capacidade do sujeito de transitar entre as exigências da cultura, do mundo externo e as suas próprias exigências. Produzimos as repetições necessárias, que perpetuam nossa identidade e outras, inúteis, que paralisam e causam dor. O segredo está em aprender a conciliar umas e outras. Quanto mais distante destas contradições, mais o sujeito sofre e se afasta do seu prazer, do seu desejo.

Para saber do desejo, é preciso suportar a solidão. Solidão de saber-se único, sem par e, a partir desta solidão, enfrentar o desafio de inventar o mundo, e, ao mesmo tempo, de inventar-se também o sujeito. Mundo e sujeito estão incondicionalmente ligados um ao outro.

Nesse sentido, “fazer a vida” é tarefa árdua e contínua, é um desafio diário, um envolvimento a muita léguas do terreno da neutralidade. O sujeito está totalmente comprometido neste fazer, a ele não cabe desviar-se do seu destino como se fosse um filme do qual não gostou. Esse destino é construção de uma série de fatores: sociais, culturais, históricos, fruto da forma particular de negociação do sujeito. Sujeito que precisa conciliar esses interesses e seus próprios desejos. Sua técnica de viver vai orientar essa negociação.

Cada um inventa sua vida segundo suas condições de suportar as incoerências e a solidão. A técnica de cada um é a invenção e o destino de cada um. Se o sujeito se cristaliza, vive de forma empobrecida e sem poesia. Esse movimento não é atributo exclusivo de determinadas classes sociais, mas é a marca do humano em nós.

As profissionais do sexo não estão excluídas dessa lógica. As mulheres inventam uma vida segundo suas condições, seus desejos, suas aspirações. E, mesmo para aquelas onde o sofrimento aparece como justificativa para o trabalho, a partir do momento que assumem o papel de prostituta saem da postura de passividade e submissão que tantas vezes acompanha os discursos sobre elas.

Mulheres da vida, mulheres na vida... Para além dos rótulos que buscam determinar a forma de ser que as mulheres devem assumir, dentro e fora da prostituição, alguma coisa acontece no espaço da rua que permite às mulheres da vida construir, para si mesmas, um lugar, uma situação. A rua aparece nos relatos como lugar do sujeito, muito mais do que o espaço doméstico. Podemos pensar a rua como o lugar-nenhum onde o sujeito se inventa, como nas palavras de Benko (1994). É na rua que se negociam os contratos, os benefícios, os investimentos que cada pessoa precisa fazer para garantir seu lugar no mundo (Valadares, 1994).

A necessidade de rotular as prostitutas, data de uma época muito anterior a nossa. Como vimos, existe uma bibliografia vasta sobre o tema e até mesmo na Bíblia, encontramos uma detalhada definição de

como agem as “mulheres direitas” e as “mulheres erradas”. Mas, é tênue limiar as separa. Talvez por isso, o universo destas mulheres provoque tantas investigações e curiosidade.

As ditas “mulheres de vida fácil” falam das outras mais do que estas últimas gostariam de admitir. “Cair na vida” desafia a fantasia daquelas mulheres que se mantêm “na linha”. Mais do que as fantasias acerca da prática prostitucional, está a ousadia da desmesura, de ultrapassar os limites enquanto se “faz a vida”. E, embora não sejam as representantes da liberdade sexual, no plano imaginário, dão as pistas de que a prática milenar - desde os rituais sagrados até as perseguições higienistas - fala do mais profundo em nós, do corpo e do universo nebuloso dos desejos. Desejos que não se submetem e não se justificam. Mas precisam conviver com o universo da cultura, antítese destes mesmos desejos.

As narrativas de Iracema, Luíza, Bárbara, Lígia e Carolina falam de encontros e desencontros de mulheres que ao viverem segundo seus próprios recursos, pagam um preço como qualquer um de nós. E circulam entre nós, sentam-se ao nosso lado, no ônibus e, conversam sobre o aumento das passagens, reclamam do engarrafamento ou defendem esta ou aquela forma de lidar com uma criança mal educada, a chorar durante nossa viagem. Elas, como tantas outras - da vida e na vida - formam a população que encontramos em nosso trabalho cotidiano de profissionais de Saúde.

Há em cada viver uma virtude. Se recorrermos ao Dicionário Aurélio Buarque de Holanda, encontramos para o termo virtude algumas definições, entre elas: “*Qualidade própria para produzir certos efeitos*”. Nós, cientistas, embora busquemos compreender esses efeitos e seu processo de construção, não podemos considerar nossas descobertas como a verdade definitiva daquele sujeito.

As Ciências Humanas - e aqui me refiro mais diretamente ao campo dos saberes da Psicologia - também produzem subjetividades quando sugerem entendê-las. Produzimos, na ânsia do entendimento, loucos, meninos de rua, prostitutas, carentes, desvalidos e, com a mesma competência, criamos também os especialistas nestas áreas. As relações de poder que estas especialidades técnicas estabelecem, às vezes se apresentam mais violentas do que as violências que elas pretendem aplacar. Emudecem, isolam, mitificam, cristalizam àqueles a que tentam “salvar”.

Minha passagem pela ENSP foi repleta de encontros felizes. Encontro com pessoas que mantêm viva a preocupação com estas violências. Descobri amigos, livros, desfrutei das aulas, dos cafés e das conversas nos intervalos, e pude compartilhar com o professor Jorge Valadares da sabedoria de que “*o homem é memória e convívio*”. Este convívio não se limita a uma técnica de fazer ciência, mas, responde por um jeito de fazer vida.

Nas minhas andanças, na busca de fazer ciência e vida, também tive a felicidade de encontrar

Ivanilda dos Santos Lima e o Grupo Fio da Alma. A possibilidade de participar deste grupo, de conviver com as mais variadas histórias, memórias, linguagens tem sido muito importante para mim. Essas mulheres tão diferentes entre si, acreditam em um trabalho comum pelo qual vale a pena lutar.

Donas de uma vitalidade conquistada arduamente, cultivam o riso e a esperança. Como nós, sonham com uma vida melhor para elas, para os filhos, para o país. Não é possível vê-las como criaturas desvalidas e sem sorte, cristalizadas na pobreza cinzenta e marginal que o discurso econômico propõe. Nem olhá-las como vítimas de uma alegria alienada, destituída de legitimidade pelo nosso olhar científico, neutro e meticuloso.

Essa pesquisa buscou mostrar que o homem não é produto exclusivo da economia, e que não é sensível a uma intervenção linear no estilo causa-efeito. Seu universo é composto por um sem-número de incoerências e fantasias, a nos desafiarem a cada instante.

Vimos que, desde tempos remotos, existem várias formas de prostituição, em várias classes sociais. Mas existem um ponto comum entre essas várias formas: a dimensão do convívio, do encontro, da circulação que as cidades proporcionam. Talvez por isso a Bíblia refira-se às cidades como a grande meretriz. Do ponto de vista da diversidade, a ameaça é também a salvação. Possibilitar encontros é o caminho para a invenção de um trabalho com esses sujeitos.

Lembro-me do III Congresso Brasileiro de DST/AIDS realizado no Rio Centro - Rio de Janeiro, em dezembro de 1999. Estava ao lado de uma profissional do sexo e assistíamos trabalhos de todo país na área de prostituição. Durante a exposição, uma das palestrantes apresentava estatísticas sobre o uso de preservativos entre as mulheres. Dizia que era espantoso, mas que ainda hoje, em tempos de AIDS, embora as prostitutas usassem de forma sistemática o preservativo em suas relações de trabalho, o uso era bastante reduzido com seus parceiros de casa, aqueles com quem estabeleciam laços de afeto, Silêncio e preocupação na platéia.

Nesse momento, a mulher que já me conhecia de alguns encontros de mulheres se vira para mim um tanto indignada: *“Isso não é privilégio de puta! Será que no meio dessa gente toda, todo mundo que tem parceiro de muito tempo e sabe tudo sobre contaminação, usa camisinha com marido e namorado? Com ‘caso’³ todo mundo sabe que tem que usar, mas com quem tem amor? Duvido!”*

Esta passagem foi um dos momentos marcantes daquele Congresso. Por um lado, ela levantou a questão do preconceito velado que ronda nossos discursos, preconceito citado por Lígia em sua entrevista, por outro, mostrou uma faceta da prevenção que merece atenção, o silêncio das relações “estáveis” do nosso

cotidiano. Como lidar com as relações monogâmicas e introduzir a discussão sobre o preservativo? Ou ainda, como mudar as regras de uma relação que, inicialmente, não estava pautada nessas regras?

Sabemos que é justamente entre as mulheres casadas que vem crescendo o número de casos de infecção pelo HIV. Para as “mulheres de casa” e para os serviços de saúde, o desafio é criar formas de aproximação em que essas coisas sejam ditas sem constrangimento, e acolhidas sem que a mulher seja rotulada mais uma vez, agora de incapaz de conversar com seu companheiro, pois sabemos que, esse tipo de diálogo também não é muito simples.

O encontro com as mulheres que fazem vida permitiu-me ampliar minhas reflexões sobre estes temas e sobre possíveis formas de articulação dos grupos. A força dos grupos está na desmistificação dos rótulos. O convívio promove rupturas, continuidades, descontinuidades, constrangimentos. Nessa multiplicidade de facetas está o seu maior engenho. Potência para a manutenção de uma escuta viva. Mais do que inventar soluções para os problemas apresentados, é preciso responder às necessidades destes grupos.

Assim, pensar a saúde da população implica lançar um olhar sobre o universo dos sujeitos, envolve a aproximação daqueles que inventam, com seus corpos, um jeito único de existir, de inventar a vida e de buscar a felicidade. Lá onde ela estiver e com a forma que se nos apresente. Pois, como diria Caetano Veloso, *“cada um sabe a dor e a delícia de ser o que é.”*

³ N.A.: O termo “caso” denomina relacionamentos onde não há contratos de permanência ou fidelidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BACELAR, J. A. 1982 – A Prostituta como Família in: *A Família da Prostituta*. Ensaios 87. SP, ática e Salvador, Fundação Cultural do Estado da Bahia.
- BENKO G. 1994. – *Geografia de Lugar nenhum ou Hiperglobalização*. In: SANTOS, SOUZA & SILVEIRA. Belo Horizonte Ed. HUCITEC/ANPUR
- BÍBLIA SAGRADA*. 1997 - 109º edição, Edições Ave Maria. Tradução dos originais mediante a versão dos Monges de Maredsous (Bélgica) pelo Centro Bíblico Católico.
- BOLTANSK, L. 1980 – Medicina Popular e medicina Científica in: *As Classes Sociais e o Corpo*. RJ, Graal.
- BLIKSTEIN, I. 1990 – *Kaspar Hauser ou A Fabricação da Realidade*. SP, Cultrix.
- CARDOSO, M. H. C. A. 1989 – *Quando a Madrugada Chegar Esta Noite Será memória Também – A Construção de Fontes Orais e a Historiografia: Um Estudo de Caso. Dissertação de Mestrado (História do Brasil)*. RJ, UFRJ (mimeo).
- CASTRO, R. V. 1993 – Representações Sociais da Prostituição na Cidade do Rio de Janeiro in : SPINK, M. J. (orgs) – *O conhecimento no Cotidiano – As Representações Sociais na Perspectiva da Psicologia Social*. SP, Brasiliense.
- COSTA, J. F. 1996 – O Referente da Identidade Homossexual in: PARK, R. e BARBOSA, R. M. (orgs) – *Sexualidades Brasileiras*. RJ, Relume Dumará: ABIA: IMS/UERJ
- DOECEMA, J. 1999 – *Feminismo e Movimento das Prostitutas: Conflitos e Contribuições*. Seminário realizado em 03/09/1999 no auditório do Hospital São Francisco de Assis.
- ENGEL, M. G. 1986 – O Médico, a Prostituta e os Significados do Corpo in: VAINFRAS, R. (org) – *História e Sexualidade no Brasil*. RJ, Graal.
- _____. 1989 – *Meretrizes e Doutores: Saber Médico e Prostituição no Rio de Janeiro (1840-1890)*. SP, Ed. Brasiliense.
- ESPINHEIRA, G. 1984 – Conformismo e Divergência in : *Divergência e Prostituição – Uma Análise Sociológica da Comunidade Prostitucional do Maciel*. RJ, Tempo Brasileiro, Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia.
- FREUD, S. 1915 – *Os Instintos e suas Vicissitudes*. Obras Completas da Edição Standard, Vol. XIV, RJ, Imago.
- _____. 1924 – *O Problema Econômico do Masoquismo*. Obras Completas da Edição Standard, Vol. XIX, RJ, Imago.

- _____. 1930. – El Malestar em la Cultura. Obras Completas. Vol. XXI, Amorrortu Editores.
- _____. 1929. – Concepto Psicoanalítico de las Perturbaciones Psicógenas de la Visión. Obras Completas, Vol. XVII, Amorrortu Editores.
- GASPAR, M. D. 1988 – Garotas de Programa: Prostituição em Copacabana e Identidade Social. RJ, Jorge Zahar Editor, 2ª edição.
- GOFFMAN, E. 1975 – O Eu e seu Outro in: Estigma: Notas Sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada. RJ, Jorge Zahar Editor.
- _____. 1987 – As Características das Instituições Totais in: Manicômios, Prisões Conventos. e SP, Perspectiva.
- GOMES, R. 1994 – Prostituição Infantil: Uma questão de Saúde Pública. Cad. Saúde Pública, RJ, 10 (1): 58-66, jan/mar.
- GINSBURG, C. 1991. – Mitos, Emblemas e Sinais: Morfologia e História. SP, 2ª edição, Companhia das Letras.
- _____. 1998 – O Queijo e os Vermes: O Cotidiano e as Idéias de um Moleiro Perseguido Pela Inquisição. SP, 9ª edição, Companhia das Letras.
- HEIDEGGER, M. 1990. – A Pergunta Pela Técnica. Tradução estabelecida provisoriamente por: Jorge de Campos Valadares.
- KEHL, M. R. 1996 - A Mínima Diferença: Masculino e Feminino na Cultura. RJ, Imago.
- KIRSCH, J. - As Prostitutas na Bíblia: Algumas Histórias Censuradas. RJ, Rosa dos Tempos.
- LEADER, D. 1998 - Por Que as Mulheres Escrevem mais Cartas do que Enviam? RJ. Tradução Paulo Reis, Rocco.
- LEVI, G. 1998 - Usos da Biografia in: FERREIRA, M. de M & AMADO, J. (org) - Usos e Abusos da História Oral. RJ, Fundação Getúlio Vargas.
- LILACS 1997 – CD ROOM, 28ª edição.
- MEIHY, J. C. S. B. 1998 - Manual de História Oral. SP. 2ª ed. Loyola
- MINAYO, M. C. de S (org) 1994 – Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade, RJ, Vozes, 3ª edição, Coleção Temas Sociais.
- MONTENEGRO, A. T. 1994 - História Oral e Memória : A Cultura Popular Revisitada. SP. 3ª ed: Contexto, Caminhos da História.
- MORAES, A. F. 1996 - Mulheres da Vila - Prostituição, Identidade Social e Movimento Associativo. RJ. Vozes.
- ORLANDI, E. P. 1998 – Método/História in: Discurso e Leitura. SP, Cortez, Coleção Passando à Limpo.
- ORTEGA Y GASSET. 1939 - Meditação Sobre a Técnica. Buenos Aires.

- PERLONGHER, N. O. 1987 - O Negócio do Michê: Prostituição Viril em São Paulo. SP, Brasiliense.
- QUEROLIM NETO, L. 1997 - Comportamento de Risco e Grupo de Risco in: A Face Oculta da AIDS. Achiamé.
- RAGO, M. 1996 – Prostitui[ç]ão e Mundo Boêmio em São Paulo (1890 – 1940) in: PARK, R. e BARBOSA, R. M. (orgs) – Sexualidades Brasileiras. RJ, Relume Dumará: ABIA: IMS/UERJ.
- RAGO, M. 1991 – Os Prazerese da Noite: Prostituição e Códigos da Sexualidade Feminina em São Paulo, 1890-1930. RJ, Paz e Terra.
- RIBEIRO, M. ^a C . & MATTOS, R. B. de 1996 – Territórios da Prostituição nos Espaços Públicos da Área Central do Rio de Janeiro. In: Território. LAGET, UFRJ. RJ, Relume Dumará: vol 1, No 1 (Jul./Dez).
- ROBERTS, N. 1998 - As Prostitutas na História. RJ. Tradução de Magda Lopes. Record: Rosa dos Tempos.
- SOARES, L. C. 1992 - Rameiras, Ilhoas, Polacas... A prostituição no Rio de Janeiro do Século XIX. SP, Ática: Ensaios 132.
- SZTERENFEL, C e FONSECA, Z. 1996 - Profissionais do Sexo no Rio: Contexto Sócio-Cultural e Comportamento Preventivo em Três Áreas. RJ, PIM.
- VALADARES, J. de C. 1994 – Espaço Ambiente e Situação do Sujeito. Tese de Doutorado, RJ, ENSP.
- VERSIANI dos ANJOS JR., C. S. 1980 – A Serpente Domada (Um Estudo Sobre a Prostituição de Baixo Meretrício). Dissertação de Mestrado. Brasília, UNB.
- WOLF, N. 1992 - O Mito da Beleza: Como as Imagens de Beleza são Usadas Contra as Mulheres. RJ. Tradução Waldéa Barcelos. Rocco.
- WOLF, N. 1998 - Promiscuidades: A luta Secreta para Ser Mulher. RJ. Tradução Waldéa Barcelos. Rocco.
- SEM AUTOR, Sem data. História da Prostituição.

ANEXOS

ANEXO I

Este roteiro referiu-se à forma de abordagem das mulheres para explicação dos objetivos da pesquisa e as etapas do trabalho visando uma decisão esclarecida por parte das entrevistadas.

“Estamos realizando uma pesquisa sobre a vida e sobre a mulher. Gostaríamos de saber o que você pensa sobre o que é a vida e a vida de uma mulher. No trabalho como Psicóloga tentamos ajudar pessoas que passam pela vida sem viver e sofrem com isto. Esta pesquisa busca saber o que as prostitutas pensam sobre o viver e que contribuição podem dar às outras mulheres. Não estamos preocupados em saber sobre métodos contraceptivos, uso de camisinha, etc. A saúde com a qual nos preocupamos nesse momento é a saúde mental e acreditamos que sua contribuição poderá nos ajudar muito.”

ANEXO II

Aqui constam as perguntas que orientaram essa pesquisa e que constaram de um roteiro

imaginário, utilizado segundo o desenrolar das entrevistas e das falas das mulheres.

- O fazer a vida é visto pelas mulheres como sinônimo de “fazer vida”?
- Como as mulheres encaminham os sabores e dissabores de suas práticas?
- Como vê as outras mulheres?
- Qual a relação que faz entre a sua história e o trabalho como prostituta?
- O que faz uma mulher tornar-se mulher?
- Acredita que vai sair um dia da vida? O que é sair da vida?
- O que é fazer vida? E o que é viver?
- Tem vontade de “ascender” para outros tipos de prostituição?
- Como é ser mulher fora da “batalha”? É diferente ser mãe e pai? Ser filho e filha?
- Como vê a cidade? Por que escolheu esse e não outro ponto para trabalhar?
- Percebe alguma mudança no mercado e no próprio local de trabalho?

ANEXO III

TERMO DE CONSENTIMENTO

Eu, _____, estado civil _____, documento de identidade _____ declaro para os devidos fins que estou ciente dos termos e etapas da pesquisa realizada por Silvia Barbosa de Carvalho, Brasileira, Solteira, Psicóloga, CRP 05/20019 bem como cedo os direitos de minha entrevista gravada nos dias _____ para ser usada integralmente ou em partes, sem restrições de prazos e citações, desde a presente data. Tenho clareza de que a pesquisa referida visa o auxílio no atendimento à mulher no âmbito da Saúde Coletiva, não constituindo assim nenhuma ameaça ou risco para mim ou para outros, agora ou no futuro. Estou ciente ainda, de que a entrevistadora tem a guarda dos depoimentos prestados e garantirá o sigilo das informações que permitam o minha identificação por terceiros.

Rio de Janeiro, _____ de 1999.

Assinatura da Entrevistada

Assinatura da Entrevistadora

